

Introdução

O personalismo de Mounier é o tema da presente investigação para o trabalho final do Curso de Mestrado em Filosofia variante de Ética.

Vivemos numa sociedade em crescente défice de valores. É oportuno descobrir o pensamento filosófico de quem, como Mounier, lutou pelos valores da pessoa humana.

A questão do personalismo, amplamente desenvolvida por Mounier nas obras *Le personalisme*, *Qu'est - ce que le personalisme?*, *Personalisme et Christianisme*, *Traité du Caractère*, *Introduction aux existentialismes* é uma questão filosófica que atinge a essência do homem. Por isso, mais do que uma atitude filosófica, do que um sistema, o personalismo é uma filosofia assente no homem como ser pessoal, existencial, livre, criativo, imprevisível, comunicativo, misterioso e transcendente.

Uma outra ideia central do pensamento de Mounier é que o acto fundamental da constituição da pessoa não é um acto de individualidade mas de comunicação. A pessoa não é um ser isolado, pois não é uma ilha no meio do oceano, é um ser que age e reage sempre em comunhão com o outro. Este ponto de vista quer chegar a um sentido profundo da justiça inspirado na generosidade e na dignidade. Mounier considera que num mundo secularizado, como aquele em que viveu, para se avançar é urgente uma revolução, mas uma revolução moral e espiritual, porque a pessoa não se reduz apenas a matéria, é corpo e alma numa síntese englobante: um ser “absoluto”, um ser superior à realidade material e social.

Todo o esforço de Mounier é no sentido de pensar a fundo a humanidade, o seu valor e a sua dignidade, analisando a relação de amor, interioridade e intersubjectividade que caracteriza os seres humanos. O homem não pode aceitar toda a espécie de manipulação, pois a pessoa não se identifica com o objecto, pelo contrário é dotada de uma “magistral grandeza”¹ e de um dinamismo que é próprio do ser humano.

Dado ao carácter pedagógico, cristão e dinâmico da sua filosofia, Lacroix

¹ E. Mounier, in *Œuvres*, 1944 – 1950 tome III, Éditions du Seuil, Paris, 1962, *Le personalisme*, p. 468.

considerou-o como um “grande educador”². Ele quis seguir o curso de Medicina mas apercebeu-se que a pessoa não precisava de ser curada apenas dos males corporais mas também, e principalmente, dos males espirituais.

O nosso interesse pelo pensamento de Mounier é mais propriamente pela questão da pessoa e sua relação com os valores, dignidade e liberdade. A dignidade e a liberdade captam-se a partir de questões existenciais, mais especificamente de procurar conciliar a nossa pessoa, a nossa liberdade e dignidade com as dos outros. Ser livre implica escolha, ser digno e ético implica responsabilidade pela escolha feita.

Os aspectos que nos motivaram a escolher este tema são os seguintes: a comunicação, o intercâmbio entre a nossa liberdade e a dos outros e também tentar observar em que medida somos o que desejamos ser, que não existe pré-destinação ou pré-determinação.

Propor este tema sobre o personalismo pode parecer inadequado ou desajustado, mas achamos que este tema é actual e possui uma grande importância, embora os problemas actuais sejam diversos dos que Mounier enfrentou. Os problemas actuais devem-se também, em grande medida, ao esquecimento do significado da liberdade, dignidade e responsabilidade, em resumo, ao esquecimento do conceito de pessoa.

O que torna o tema importante e actual é o facto de ele reflectir sobre a pessoa numa sociedade livre e responsável. É tentar redescobrir uma via que leve à eticidade e à responsabilidade em face dos outros. A pessoa deve encontrar os meios necessários para superar o individualismo e o egoísmo.

Para a realização deste trabalho utilizámos os textos da edição das *Oeuvres Complètes* de Mounier, da revista *Esprit*, que ele fundou e dirigiu, e ainda textos de autores que se apoiaram nele para expor as suas ideias.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo pretendemos debruçar-nos sobre o movimento personalista protagonizado por Mounier. No segundo capítulo apresentamos a concepção de pessoa e as várias teses defendidas por ele. Serão abordados temas como: a pessoa como ser emergente e incorporado, transcendente, comunicativo, a intimidade da pessoa, a dignidade, o compromisso e a

² Jean Lacroix, *Panorama de la philosophie française contemporaine*, Paris, Puf, 1962 p. 101.

liberdade.

Deparamos sempre com dificuldades ao elaborar um trabalho de investigação, mais concretamente uma dissertação, sobretudo no que diz respeito à bibliografia. Mas fizemos esforço no sentido de superá-las. Foi para mim um grande esforço entender a abordagem filosófico-metódica de Mounier. Não pretendemos com este trabalho esgotar todos os escritos de e sobre Mounier, mas apresentar de forma genérica o seu pensamento.

Capítulo I

O movimento personalista em Mounier

Introdução

O personalismo como corrente filosófica que tem como base a pessoa, começou e desenvolveu-se em França com Mounier por volta de 1932 mais precisamente em torno de uma revista denominada *Esprit*, coordenada por ele. Na Antiguidade Sócrates já tinha dado um primeiro impulso ao personalismo, muito revolucionário na sua época, a partir da célebre frase que Mounier cita: “conhece-te a ti mesmo”.³ A ideia central do personalismo é para Mounier a centralidade da pessoa humana, pois “o universo da pessoa é o universo dos homens.”⁴ É aqui que ele assenta as bases para a compreensão do homem como pessoa na sua inobjectividade, inviolabilidade, liberdade, criatividade e responsabilidade.

Como diz Lacroix, “Mounier não partiu do personalismo para a pessoa, mas da pessoa para o personalismo, e o personalismo nunca foi para ele um sistema filosófico, mas o meio de chamar cada um a si mesmo e a todos. Este profeta da revolução personalista e comunitária tinha tomado por missão dar a cada homem a possibilidade duma vida pessoal: vida material e corporal, vida interior, vida de lazer, vida artística, conversação poética com o mundo, diálogo com os outros, comunhão com Deus, tudo isso que a miséria impede ou o emburguesamento esteriliza, hoje em dia, para a maior parte.”⁵

³ *LP*, p. 433.

⁴ *LP*, p. 429.

⁵ Citado por Aníbal Alves, em « A pessoa e o outro », *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo XXII, 1966, p. 49.

1 - O Personalismo. Sistema? Filosofia?

O personalismo em Mounier é um movimento filosófico “apolítico”⁶ e “assistemático”⁷ centrado na pessoa e que tem como objectivo reorganizar a sociedade em todas as vertentes: económica, social, moral, religiosa, etc. Dizer que o personalismo de Mounier é um movimento “apolítico” é dizer que a sua intenção não é criar uma teoria ou um sistema político concreto. Ele não tinha nenhum sistema político preferido. Mas isto não significa que o seu personalismo não tivesse nenhum interesse político uma vez que “não é oposto ao socialismo, ou ao comunismo”⁸; o seu interesse fundamental era descobrir um caminho mais adequado para que a pessoa vivesse isenta da opressão. Daí que se opusesse a todo o regime político que envereda pelo caminho da opressão. Daí também que Mounier considerasse que a principal saída era a construção de uma comunidade de pessoas.

Assim, na obra *Le personalisme*, o personalismo aparece como uma filosofia mas não como uma atitude ou um sistema.⁹ Pois, mais do que uma atitude filosófica, do que um sistema fechado, a “sua afirmação central é a existência de pessoas livres, criadoras e imprevisíveis.”¹⁰ Ora, ele não nos apresenta uma doutrina feita, procura antes apresentar-nos uma filosofia que fica isenta de qualquer sistematização, precisamente porque se baseia na pessoa que é um ser livre, imprevisível e permanentemente aberto a ser, e o sistema é fechado e previsível. Assim sendo, Mounier opõe-se à filosofia racionalista pela objectivação da realidade e da pessoa. A razão dá atenção ao universal deixando para trás o individual, o singular que é a pessoa. A razão estuda o homem apenas nas suas características gerais e impessoais esquecendo-se do “eu”, da sua realidade concreta no mundo e com os outros. Pois constituir um sistema é tentar dominar a totalidade do real, o que é impossível porque a pessoa é limitada pela sua situação concreta. A razão é insuficiente, é incapaz de explicar os mistérios da existência individual, de penetrar na intimidade da pessoa, de atingir a profundidade. Em face da

⁶ E. Mounier, « Situation du personalisme », *Esprit* Mars, 1946, p. 434.

⁷ Idem, p. 434.

⁸ E. Mounier, in *Œuvres*, 1944 – 1950 tome III, Éditions du Seuil, Paris, 1962. *Qu'est-ce que le personalisme*, p. 203.

⁹ *LP*, p. 429.

¹⁰ P. Lucien Guissard, *E. Mounier*, Éditions Universitaires, Paris, 1962, p. 57/58.

razão a pessoa permanece invisível. Na obra *Situation du personalisme* constata-se que ele não propõe uma filosofia da história, nem uma antropologia política, mas sim um movimento de acção social de tipo cristão em que se unem fortes elementos comunitários com uma reflexão conceptual de raiz teológica sobre o sentido transcendente da vida. Ele assume como uma orientação da vida em sentido comunitário. Neste sentido, o personalismo, mais do que como uma teoria fechada num sistema ou tendência de pensamento, apresenta-se como uma perspectiva que assenta no diálogo aberto entre as pessoas. Daí que o personalismo “não se estabeleceu como um sistema limitado, mas como uma filosofia que parte da concepção dedutiva e explicativa da pessoa, entendida não como um objecto, mas como um ser que está e que se afirma no mundo, comunicando, aderindo e apreendendo, enfim um ser que se conhece a si mesmo num constante processo de auto-criação realizado em sociedade.”¹¹

Lacroix tem razão quando diz que o personalismo “não é nem uma ideologia, nem uma filosofia. E que longe de ser uma ideologia, o personalismo é anti-ideologia por excelência.”¹² De facto, o personalismo em Mounier não constitui nem uma filosofia, nem uma ideologia, mas uma aspiração que pode produzir diversas filosofias. Ora, “o personalismo aparece não como um sistema filosófico acabado, mas sobretudo como uma atitude dinâmica de luta em favor dos valores essenciais da pessoa, ser como indivíduo e necessariamente social e “socializável”, que cria um mundo habitável, com rosto humano, tornando as pessoas fraternas, participativas e alegres ao serviço dos outros, especialmente dos mais carenciados.”¹³ Pois o personalismo em Mounier versa sobre a problemática do mundo, da liberdade, da comunicação, dos direitos, e da igualdade das pessoas. É uma filosofia prática.

Embora Mounier tenha recebido algumas influências, nomeadamente dos filósofos existencialistas cristãos e marxistas, tentou, a partir da observação da crise da civilização do século XX, dar uma forma original à sua filosofia afastando-se do “eclectismo”. Assim, a tese defendida por Roger Garaud, segundo a qual a filosofia de Mounier é um “eclectismo e uma confusão”¹⁴, não parece aceitável. A filosofia de

¹¹ E. Mounier, « Situation du personalisme », *Esprit*, Mars, 1946, p. 434.

¹² J. Lacroix, *Le personalisme comme anti-idéologie*, Paris, Presses Universitaires de France, 1972, p. 9.

¹³ Fr. Bernardo Domingues, *Pessoa entre o mundo e Deus*, Porto, Dalivros, 1988, p. 19.

¹⁴ Roger Garaudy, *Perspectives de l'homme. Existencialisme, pensée catholique et marxisme*, Presses

Mounier não é um ecletismo, mas sim uma filosofia da pessoa como um ser não inventariável, que se opõe a qualquer doutrina filosófica que tenta objectivar a pessoa ou considerá-la apenas como manifestação dos fenómenos ou ainda como ser solitário. Ele chama a atenção para a importância da pessoa em face das restantes coisas existentes.

Em termos gerais o personalismo é caracterizado na obra *Introduction aux Existencialismes*, “como uma reacção da filosofia do homem contra o excesso da filosofia das ideias e da filosofia das coisas.”¹⁵ Desta perspectiva, o personalismo opõe-se a todas as formas de alienação da pessoa; às construções filosóficas sistemáticas que consideram a pessoa como um ser abstracto; aos resultados das ciências exactas que estudaram a pessoa em vários domínios deixando de lado a unidade da sua realidade concreta enquanto autora do seu destino; a uma sociedade onde a técnica tenta absorver o homem num complexo de funções contribuindo assim para a sua despersonalização.

Foi por isso que o personalismo assumiu a forma de um humanismo e de um existencialismo, centrado na valorização da pessoa. Pois o personalismo nasce da própria iniciativa da pessoa para se defender contra a manipulação e a opressão. O objectivo de Mounier é formar pessoas capazes de se auto-afirmarem e de se comprometerem. Se a pessoa é um ser situado no mundo, o personalismo, que tem como centro a pessoa, afirma-se como uma doutrina concreta. Contra o uso de meios técnicos selvagens propõe o uso de “técnicas de meios espirituais”¹⁶ como forma de ultrapassar a violência e as injustiças contra as pessoas.

Como filósofo cristão Mounier apresenta o seu personalismo como uma experiência fundamental que mistura a fé e o valor “absoluto” da pessoa humana. Um absoluto que não é comparado a Deus mas a um ser superior à realidade material e social – o ser pessoal.

A sua intenção expressa em todas as obras mencionadas é formar uma comunidade de pessoas. Para que haja essa comunidade de pessoas é preciso uma pedagogia ascensional que ajude a superar a despersonalização tanto de si como dos outros.

Universitaires de France, Paris, 1959, p. 158.

¹⁵ E. Mounier, in *Œuvres*, 1944 – 1950 tome III, Édition du Seuil, Paris, 1962, *Introduction aux existencialismes*, p. 70.

¹⁶ E. Mounier, « Pour une technique des moyens spirituels », *Esprit*, Novembre, 1934, p. 182.

2 - “Revolução personalista e comunitária”

O homem no mundo, tal como alguém que desperta num ambiente desconhecido, não pode satisfazer-se com explicações parciais sobre os diversos objectos que o rodeiam. O personalismo proposto por Mounier surge como uma resposta total, como o despertar da pessoa para a vida comunitária, para a desordem estabelecida e para o mundo de pessoas.

A alteração, espiritual, de estruturas e a valorização da pessoa é o ponto de partida proposto por Mounier para uma “revolução” personalista e comunitária. A pessoa entendida como um ser total, porque “não há espírito sem carne”,¹⁷ e espiritual, em que o espiritual constitui como o “soberano da vida”¹⁸ e só depois vem a matéria como seu complemento.

Mounier apresenta-se como exemplo de um grande revolucionário para a sua época; este espírito revolucionário transparece nas suas obras e também na revista *Esprit* que alcançou projecção internacional naquela época. “A revista *Esprit* é o meio onde Mounier vai pensar o mundo moderno, a sua revolução e ruptura com a ordem estabelecida.”¹⁹ A revista servia como meio para denunciar e criticar as desordens estabelecidas e chamar à atenção para uma urgente união das pessoas que levasse a mudanças de comportamentos e de atitudes.

O personalismo de Mounier é marcado por uma mudança do paradigma relativamente à concepção de pessoa e da comunidade.

Assim, na obra *Revolution personaliste et comunautaire* ele faz a distinção entre a pessoa e o indivíduo, considerando que são as duas faces da mesma moeda, mas que precisam ser conciliadas e não exaltadas uma em detrimento da outra. A pessoa completa o indivíduo e este por seu turno completa a pessoa. A pessoa possui uma individualidade intrínseca, é um ser “*indiviso*”, que age e pensa de forma única e distinta dos outros. Mas é necessário igualmente lutar contra o individualismo selvagem e desnaturado e contra a

¹⁷ E. Mounier, in *Œuvres*, tome II, Éditions du Seuil, Paris, 1961, *Revolution personaliste et comunautaire*, p. 84.

¹⁸ *RPC*, p.149.

¹⁹ Gerard Lurol, « Mounier et Maritain », *Esprit*, Décembre, 1972, p.781.

avareza para que o homem se converta numa pessoa autêntica. Tanto o capitalismo como o fascismo tiveram um conceito individualista e egoísta da pessoa. A pessoa, tal como estes regimes a entenderam, reduz-se aos indivíduos, seres únicos, mas manipuláveis e superficiais, que se satisfazem apenas com prazeres momentâneos.

A título de síntese: “A pessoa é a dimensão total do homem. É um equilíbrio em comprimento, largura e profundidade, uma tensão em cada homem, entre as suas três dimensões espirituais: a que se eleva a partir de baixo e o encarna num corpo; a que está dirigida para o alto e eleva a um universal; a que se dirige para o largo e o leva a uma comunhão. Vocação, encarnação e comunhão: três dimensões da pessoa.”²⁰

“Chamamos indivíduo à difusão da pessoa à superfície da vida e à sua condescendência em aí se perder. O meu indivíduo é essa imagem imprecisa e mutável que produzem por super impressão as diferentes personagens, entre as quais flutuo, nas quais me distraio e me esqueço. O meu indivíduo é o prazer avaro dessa dispersão, o amar incestuoso das minhas singularidades, de todo esse pulular precioso que não interessa ao outro mas só a mim. É ainda o pânico que de mim se apodera ..., a fortaleza de segurança e de egoísmo que à minha volta levanto para lhe assegurar a segurança e o defender contra as surpresas do amor.”²¹

“A pessoa não existe separadamente da comunidade onde ela se compromete.”²²

Mounier fala de uma revolução comunitária “que seja fundada no respeito da pessoa como base”²³ e não numa comunidade massiva onde simplesmente as pessoas formam um número considerável de corpos, que constituem como uma “massa morta”²⁴ onde a singularidade desaparece.

O respeito mútuo, a igualdade e a ordem no seio de uma comunidade constituem o lema de Mounier. Ele considera, por isso, que numa comunidade tanto o chefe como os subordinados devem trabalhar para o bem da comunidade, para a realização dos valores humanos.

Na obra *Revolution personaliste et communautaire* Mounier diz que para formar

²⁰ *RPC*, p. 178/179.

²¹ *RPC*, p. 176.

²² E. Mounier, « Le Chevalier du Graal ou l'intelligence engagée-dégagée », *Esprit* Août 1941, p. 709.

²³ *Idem*, p. 707.

²⁴ *Idem*, p. 707.

uma civilização comunitária é necessário “refazer a renascença”²⁵, “refazer o nosso amor ao mundo com as palavras, os gestos, os costumes, as opacidades, para fazer delas a claridade”. Fazer a conciliação do espiritual e do material.

Ora, Mounier parte da problemática da crise e procura encontrar uma solução pedagógica para a personalização da sociedade. Ele debruçou-se sobre a crise que assolava a Europa em todos os domínios, crise essa fruto das guerras mundiais, e concretamente do abuso do poder por parte do Estado, da ganância do ter, para chegar à formação de uma comunidade espiritual com rosto humano onde todos têm direito, voz e vez. Ele deixa bem claro na obra *Qu'est-ce que le personalisme?* que perante a crise que assolava a Europa surgiram duas explicações: - “os marxistas diziam: crise económica clássica, crise de estrutura. Operai a economia, o enfermo recuperará.

Os moralistas contestavam: crise do homem, crise dos costumes, crise de valores. Mudai o homem e as sociedades curar-se-ão”²⁶ Ele queria dizer com isso que assim como o homem é um ser dotado de matéria e espírito inseparável, a crise também era total, tanto material como espiritual. A pessoa não se reduz apenas à dimensão económica, ela é um ser social, político, religioso etc. Perante essas duas correntes o personalismo solicita o rompimento com as ordens e ideologias estabelecidas, e propõe que se faça uma “revolução” total de tudo o que leva à escravização da pessoa, visto que o “despertar do sentido comunitário não se faz através de uma ideologia, brotará de uma experiência da comunidade assumida.”²⁷

Ora, assim como a crise é total a sua solução também não pode ser parcial mas apresenta-se como a tarefa de buscar uma resposta de civilização, fruto de uma revolução ontológica que liberte e concilie o homem com a sociedade, que recupere a pessoa de um panorama ocupado tão só com a afirmação absoluta do indivíduo, a raça, a classe, a nação e a força.²⁸

Na obra *Manifeste au service du personalisme* Mounier descreveu de forma utópica a comunidade verdadeiramente personalista a construir: “uma comunidade onde as pessoas realizam totalmente a sua vocação continuamente fecunda, onde a comunhão

²⁵ *QQP*, p. 137.

²⁶ *QQP*, p. 183.

²⁷ E. Mounier, « Le Chevalier de Graal ou l'intelligence engagée-degagée », *Esprit*, Aôut, 1941, p. 706.

²⁸ Fernando Vela Lopes, *Democracia y demopédia en E. Mounier*, Salamanca, Universidade Pontificia de Salamanca Facultat de Pedagogia, 1987, p. 14.

de conjunto seria um resultar vivo de todos os outros particulares. O lugar de cada um seria insubstituível e ao mesmo tempo harmonioso com todos. O amor estaria em primeiro lugar. Cada pessoa encontraria nos valores comuns transcendentais o lugar e o tempo particular de cada um, o vínculo que os ligaria a todos”.²⁹

Mounier apresenta nas obras *Revolution personaliste et communautaire* e *Le personalisme* alguns traços fundamentais desta “revolução”:

1 – “Primado do espiritual”³⁰ - Não podemos confundir o espírito com o espiritualismo ou com qualquer “reflexo biológico de justificação ou uma hipótese de estrutura, ou um tudo se-passa-como-se”; devemos entendê-lo como “uma realidade à qual damos uma adesão total, que nos ultrapassa, nos penetra, nos compromete totalmente, lançando-nos para lá de nós mesmos.”³¹ Um espiritual que se encontra ligado ao corpo, a todos os objectos materiais e situado, visto que a pessoa é um ser encarnado.

2 – “Dissociar o espiritual do político”³² - especialmente desta realidade provisória a que se chama direito - e do económico, visto que o espiritual comanda o político e o económico. O espírito deve ter a iniciativa e o domínio dos objectivos que visam o homem e não o seu bem-estar.³³ Mounier vê a revolução como uma forma de libertar a pessoa do primado do económico, do político e da técnica. Ele não estuda as formas das modalidades económicas, políticas ou técnicas mas sim a maneira como devem ser aplicadas em benefício do bem comum.

3 – Independência relativamente aos partidos políticos e grupos constituídos.³⁴

4 – “Fazer a revisão de todos os valores”³⁵ e “uma reorganização das estruturas e uma renovação das elites”³⁶ que levam à objectivação da pessoa e a acções “inumanas e tirânicas”³⁷ começando pelos valores espirituais, passando pelos políticos, comunitários, económicos, etc.

²⁹ E. Mounier, in *Oeuvres*, tome I, 1931-1939, Éditions du Seuil, Paris, 1961, p. 539. *Manifeste au service du personalisme*, p. 539.

³⁰ *RPC*, p. 178/179.

³¹ *RPC*, p. 146.

³² *RPC*, p. 140.

³³ *RPC*, p. 142.

³⁴ *LP*, p. 512.

³⁵ *RPC*, p. 150.

³⁶ *LP*, p. 513.

³⁷ *RPC*, p.151.

5 – Actuar com rigor e clareza na resolução dos problemas.³⁸

6 – Libertar-se do conformismo doutrinário e encarar a realidade na sua verdadeira dimensão.³⁹

O personalismo surgiu em defesa do homem e da sua identidade pessoal. Essa resposta foi dada, ressaltando a noção da pessoa, sua transcendência, acção, relação, subjectividade e liberdade.

Diante do personalismo é inaceitável o materialismo e o racionalismo, pois aquele defende a irredutibilidade da pessoa à matéria, considerando-a como ser espiritual. Sabemos que a lógica do capitalismo levava a considerar o homem como uma máquina, e que na ganância do lucro se usavam todos os meios e se ignorava o valor e a dignidade da pessoa. Os proletários eram vítimas deste tipo de regime despersonalizado. O personalismo opõe-se a toda a forma de materialismo que declara a matéria como princípio e substrato do real não deixando espaço para qualquer realização pessoal e espiritual. O personalismo define a pessoa como um ser dinâmico, unitário, singular e comunicativo. Separar assim a pessoa da matéria, considerando-a como ser espiritual, não significa que ela seja absoluta ou espiritual por excelência, a pessoa é um “absoluto” humano, ou seja, um ser irrepetível, irredutível e encarnado, não constitui meros momentos ou manifestações do absoluto. Ora, tanto o materialismo como o racionalismo vêem o realismo espiritual como simples reflexos ideológicos, como um estado secundário e declaram que no mundo não há espaço para qualquer forma de existência espiritual.

Mounier propõe duas maneiras de exprimir a ideia geral do personalismo:

1- A pessoa existe como forma mais alta da existência e como origem de todos os valores;

2 - A pessoa existe como um ser dinâmico ao caminho da personalização de si e da natureza.⁴⁰ Pessoa é aquela que não se conforma com aquilo que a natureza lhe oferece. Sendo dinâmica e criativa cabe-lhe a ela dar essa dinâmica, esse acabamento à natureza, personalizando-a.

Para além dessas características, na obra *Qu'est-ce que le personalisme?*

³⁸ LP, p. 513.

³⁹ LP, p. 512.

⁴⁰ LP, p. 431.

Mounier caracteriza o personalismo como “perspectiva, método e exigência”.⁴¹ Como perspectiva o personalismo é um esforço para a unificação de todas as dimensões humanas, principalmente a material e a espiritual.

O personalismo exige uma metodologia de acção, repudiando assim o dogmatismo. Sendo o homem um ser autónomo e livre, ele constrói a sua própria história. Qualquer acção exige previsão e estratégias para poder alcançar os objectivos de forma coerente. Para isso é necessário o compromisso e a responsabilidade por parte da pessoa, dois aspectos que Mounier tanto valoriza.

Mounier desenvolveu o seu personalismo pensando nos problemas com que o mundo se enfrentava, pensando assim na criação de um mundo com rosto mais humano onde a organização da sociedade estivesse mais de acordo com a nossa natureza. A sua reflexão era de pessoa comprometida, pessoa que percebia que o mundo estava em transformação e necessitava de transformação. Para isso preconizou uma sociedade onde a pessoa se pudesse realizar mais plenamente e de forma comunitária, onde pudesse partilhar os valores e a liberdade de forma cristã.

⁴¹ *QQP*, p. 242.

Capítulo II

A pessoa em Mounier

1 - Conceito de Pessoa

A filosofia desenvolvida por Mounier nas obras *Le personalisme*, *Manifeste au service du personalisme*, *Personalisme Catholique* (publicada na revista *Esprit*), *Traité du caractère* tem como base a pessoa como ser de mistérios, ser autónomo, livre e imprevisível. Por isso, Mounier deparou com algumas dificuldades ao tentar dar uma definição rigorosa da pessoa. Em vez de a definir descreveu-a porque, segundo ele, “só se definem objectos exteriores ao homem, os que se podem encontrar ao alcance da vista”.⁴² Ora, a pessoa é de difícil definição visto que ela é “presença do homem”.⁴³ Para além das características exteriores ela possui as interiores, de difícil percepção sensível. Manifesta-se através da matéria mas ao mesmo tempo possui uma interioridade inexplicável. A pessoa revela-se através das suas acções e também da sua liberdade. Esta é essencial para a auto-afirmação da pessoa. Uma pessoa só se desenvolve quando é livre. Sendo livre faz-se a si própria. Nenhuma pessoa deve ser impedida de realizar a sua vida de forma livre. “A vida pessoal é com efeito uma conquista oferecida a todos, não uma experiência privilegiada”...⁴⁴.

1.1 - A pessoa como ser espiritual

Mounier apresenta uma concepção cristã da pessoa - pessoa como ser espiritual e concreto, idêntico a si mesmo. Assim, no *Manifeste au Service du Personalisme*, propõe uma extensa e intensa descrição da realidade pessoal apresentando uma mistura de

⁴² LP, p. 430.

⁴³ LP, p. 523.

⁴⁴ LP, p. 524.

elementos filosóficos e religiosos que se sintetiza no seguinte:

“ Uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela conserva essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adoptados, assimilados e vividos por um compromisso responsável e uma conversão constante; deste modo ela unifica toda a sua actividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante actos criadores, a singularidade da sua vocação”.⁴⁵

Mounier insiste em que a pessoa é um ser espiritual, isto é, que é irreduzível ao objecto, a sua realidade transcende a matéria. Tal como o homem é espírito assim também está imerso na natureza e é chamado a humanizar-se. A pessoa humana é corpo e espírito. Assim sendo, nem o espiritualismo nem o materialismo dão resposta à complexidade da realidade pessoal. Dizer que a pessoa é um ser espiritual é chamar a atenção para a valorização da pessoa e para a sua separação do mundo objectivo. Ser espiritual implica ser “improvável”. “Improvável”⁴⁶ justamente porque, por mais que eu tente penetrar para fazer dela o meu objecto de conhecimento objectivo, ela escapa à minha sensibilidade por ser misteriosa. Reconhecer a pessoa como ser espiritual não significa que ela seja um ser absoluto ou espiritual por excelência, a pessoa é um ser “absoluto” humano, ou seja, um ser irrepetível, irreduzível e encarnado. A pessoa é um absoluto pelo seu modelo e pela sua perfeição ontológica. Essa realização é condicionada pela sua condição e situação empírica. Assim sendo, nem a técnica nem a medicina⁴⁷ conseguem violar a sua integridade e a sua liberdade interior, precisamente porque ela é um ser em aberto, “improvável e insituável”⁴⁸, um ser a caminho da perfeição, “por isso ela não é nem nunca será elemento de um sistema”.⁴⁹

Ser subsistente e independente explica o carácter ontológico e axiológico que Mounier atribui à pessoa. A pessoa é um “ser em si”, “absoluto”, mas um ser “absoluto” humano porque dotado de matéria e espírito em síntese englobante. Encontramos aqui uma fuga ao dualismo antropológico essencialmente da concepção idealista – à separação

⁴⁵ *MSP*, p. 523.

⁴⁶ P. Caussat, « La personne improbable », *Esprit*, Septembre, 1973, p.194.

⁴⁷ Para uma leitura mais aprofundada sobre os limites da medicina no conhecimento da pessoa, consultar a revista *Esprit* de Março de 1950, pp. 337-527.

⁴⁸ P. Caussat, « La personne improbable », *Esprit*, Septembre, 1973, p. 208.

⁴⁹ *Idem*, p. 199.

entre corpo e alma. É precisamente esse carácter ontológico que torna a pessoa livre e dotada de valor. Podemos corromper ou usar de forma selvagem o corpo da pessoa mas o seu espírito subsiste sempre como inviolável até ao seu desaparecimento físico. Esta subsistência deve ser mantida a partir da adesão a valores de forma livre, responsável e comprometida. Sendo a pessoa não um ser em si (Deus), “ela é por vontade de Deus um absoluto pelo seu modelo e perfeição ontológica que é chamada a realizar plenamente para além do tempo. É o que há de mais perfeito na natureza. Mas não é um absoluto no sentido de que essa imanência esteja liberta de todas as condições de servidão, de tempo e de lugar e chamada a realizar no instante e sem condições todas as suas virtualidades. A pessoa do homem é colocada ontologicamente e historicamente numa certa situação que faz parte da sua definição. A existência concreta da pessoa é assim particularizada num duplo sentido: seu estatuto ontológico e histórico”.⁵⁰

“A pessoa é um absoluto em comparação com qualquer outra realidade material ou social e com outra pessoa humana”.⁵¹ Mas um ser absoluto humano por excelência. Por outro lado, é um ser singular e idêntico a si próprio. Assim, cada pessoa tem a sua identidade, de tal modo que nenhuma pessoa ocupa o lugar de outra.

Portanto, “...a pessoa é o que não se repete, mesmo quando as faces e gestos dos homens, caindo sem cessar na generalidade, se recopiam desesperadamente à superfície”.⁵² Cada pessoa é única e insubstituível. Sendo a pessoa um ser singular, com as suas próprias características, tem as suas particularidades e dinamismo próprio, diferente dos outros. Essas particularidades devem ser aplicadas ao serviço da comunidade. Por outro lado, a pessoa é um “absoluto” porque, face aos demais seres, só ela tem a capacidade de fazer a experiência, tem a consciência da experiência feita. Só ela age intencionalmente. Por isso tem a capacidade de dar ao mundo uma forma humana e digna.

A pessoa adere livremente a uma escala de valores e a partir desta adesão configura a sua vida comprometendo-se consigo mesma e com os outros. A escolha de valores deve ser livre, não dada ou imposta do exterior. O valor só existe com a existência do ser, é a pessoa que faz com que o valor exista. Daí a relação ser/valor ser uma relação

⁵⁰ E. Mounier, « Personnalisme Catholique III », *Esprit*, Avril, 1940, p. 58.

⁵¹ *MSP*, p. 523.

⁵² *LP*, p. 470.

de interdependência. Todo o nosso agir, sentir, etc. se funda no valor. Ora, ele tem um carácter de bem no sentido que quando a pessoa o escolhe é guiada por ele e estima-o para alcançar um certo fim. Este fim deve ter um carácter humano.

Portanto, a pessoa, tal como Mounier a concebe, é o homem que possui direito à realização pessoal e ao qual é exigido o compromisso político e social na luta para que os valores da pessoa sejam reconhecidos e promovidos. A pessoa é um ser de direito, autónomo, capaz de decidir e de se comprometer. Na obra *La justice dans la revolution et dans l'État*, Mounier faz um apelo à justiça e à mudança da declaração dos direitos tanto da pessoa como da comunidade e do Estado. Estes direitos são essencialmente para a defesa da igualdade, dignidade e liberdade da pessoa no seio de família e da nação e para assegurar a liberdade religiosa.⁵³

Sendo o homem originariamente um ser “absoluto” e em aberto, por ser dotado de corpo e espírito é detentor de direitos que lhes permitam auto realizar-se na liberdade. O homem é um ser que ao longo da história se auto-realiza como pessoa. O direito assegura a liberdade ética da pessoa, contribuindo assim para a realização integral da pessoa na comunidade, isto porque assegura e salvaguarda a convivência das pessoas. Uma comunidade sadia é aquela em que as pessoas se respeitam mutuamente e conhecem os seus direitos colaborando assim para o bem comum.

Esses valores que Mounier concebe devem ser vividos em compromisso e em liberdade responsável, ou seja, a pessoa deve sentir-se comprometida e responsável pelos seus actos nas suas relações com os outros. Compromisso esse que não é pré determinado ou dado, mas sim livremente assumido pela própria pessoa.

Mounier refere-se à conversão e à vocação para designar o movimento que deve realizar a pessoa para superar o egocentrismo. O dinamismo da pessoa deve ser encaminhado sempre para a perfeição. A conversão constitui como um convite para a mudança de vida e para a valorização da pessoa na sua verdadeira dimensão. Portanto, trata-se de reconciliar as vertentes interioridade, exterioridade uma vez que o homem é uma fusão de matéria e de espírito.

⁵³ Cf. *La justice dans la revolution et dans l'État*, in *Oeuvres*, vol. IV, Édition du Seuil, Paris, 1946, cap. II, pp. 99 a 104. Mounier apresenta a “revolução” na declaração dos direitos da pessoa, das comunidades e do estado em 43 artigos, 26 para os direitos das pessoas, 11 para os da comunidade e 6 para os do estado.

1.2 - A Pessoa. Corpo e espírito

“Corpo e alma é assim o homem completo.”⁵⁴ Dizer que a pessoa é corpo e espírito é o mesmo que dizer que ela é um ser encarnado. Como cristão, Mounier encontrou na encarnação a pedra basilar da sua filosofia. Cada pessoa é um ser humano encarnado, projectado no mundo como ser que ao longo da sua história ou das mediações temporais actualiza o seu ser através da sua liberdade, autonomia e decisão. Ele é capaz de separar o bem do mal, os meios dos fins. Ao saber fazer essa separação consegue construir um mundo onde haja um bom relacionamento interpessoal, levando assim à formação de uma comunidade de pessoas valorizadas.

A pessoa é uma “existência incarnada”⁵⁵: defendendo esta tese Mounier opõe-se à corrente idealista que reduz a matéria a uma simples aparência do espírito humano através de uma actividade puramente ideal e que dissolve a pessoa num conjunto de relações lógicas ou que faz dele um simples depósito de informações objectivas. Pois se a pessoa é incarnada é porque é um ser dotado de corpo e espírito. Dizer isso é dizer que o corpo da pessoa é vivo, dinâmico, que não deve ser equiparado a um corpo morto ou a uma matéria inanimada que possui apenas elementos materiais, mas sim a uma força “vital”⁵⁶, um princípio de vida que serve de animação à matéria transformando-a numa entidade viva. O adjectivo “vital” é indispensável para a estrutura encarnada da pessoa. A vida faz parte do corpo e do psiquismo mas ao mesmo tempo transcende-a por não ser totalmente matéria ou totalmente espírito. Entre o meu corpo e o meu espírito existe uma inter-relação surpreendente. Na nossa experiência quotidiana podemos constatar que o nosso estado emocional interfere consideravelmente no psicológico: por exemplo, uma simples dor é suficiente para provocar-me um mal-estar geral. Portanto, o espírito vivifica o meu corpo e o meu corpo serve de meio para a manifestação do meu espírito. Assim, a pessoa constitui-se como uma totalidade viva: mas uma totalidade singular e “absoluta”. Esta totalidade pode ser decomposta fisicamente e não psiquicamente. Assim, o meu conhecimento da pessoa não é puramente sensível mas antes estrutural e condicionado. É a pessoa na sua totalidade que conhece e age por si mesma. O espírito constitui como um

⁵⁴TC, p. 114.

⁵⁵TC, p. 446.

⁵⁶TC, p. 116.

princípio mediador, interior e constitutivo do corpo.

O corpo age através do espírito, mas é pelo meu corpo que sou conhecido, que tenho um nome e uma identidade. É pelo corpo que exprimo aquilo que se encontra na minha alma. A pessoa diferencia-se do espírito porque este é em si, não se relaciona com a sensibilidade. A pessoa não é apenas intelecto, relaciona-se com os dados sensíveis fornecidos pelo seu corpo ou cérebro e só depois transcende a sensibilidade. Assim podemos dizer que a pessoa é um animal existente e diferente dos outros animais e da natureza objectiva, que é concreta pelo seu corpo, racional pela sua particularidade e metafísica pelo seu carácter misterioso e transcendente.

O que torna a pessoa diferente dos outros animais é que só ela reúne em si as três dimensões da vida: vegetativa, sensitiva e espiritual. Com efeito, a pessoa participa tanto na vida vegetativa como na sensitiva e espiritual, sendo esta última o nível mais alto da vida da pessoa. Este nível leva-a a deixar de ser simples ser sensível para ser um ser transcendente.

Assim, com o corpo a pessoa desloca-se e expõe-se ao mundo e aos outros como disponibilidade, afastando o egocentrismo, e com o espírito ou cérebro pensa o mundo envolvente. Sem o corpo não há pensamento, e o pensamento por sua vez necessita do corpo para se poder manifestar. A existência encarnada é um factor essencial do homem como existência pessoal. O meu corpo lançado ao mundo torna-me pública mas a consciência leva-me a ter um carácter de privacidade porque só a mim diz respeito. Não podemos dizer “homem”, sem referir ao mesmo tempo o corpo e, por sua vez, sem o espírito, o corpo não tem sentido. É com o corpo que sentimos as sensações do mundo exterior, corpo esse que nos faz existir e conhecer. A alma faz o corpo agir pois ela constitui uma dimensão activa enquanto que o corpo, pelo contrário, é passivo.

Assim pois, a sensibilidade enraíza-se no corpo e o pensamento no espírito. Eles manifestam-se como um composto essencial e total da pessoa. O pensamento constitui o sistema representativo do meu sentido interno, as características internas da pessoa. O meu corpo faz com que eu ocupe um espaço e com que viva num determinado tempo e constitui as minhas características externas. A pessoa não é totalmente corpo porque, por exemplo, quando digo “eu” preciso do meu corpo para me identificar, para que o outro possa ver-me exteriormente, mas também o meu “eu” precisa de dinamismo, e esse é

oferecido pelo espírito. “A vida física penetra a vida do corpo, da mesma maneira que a vida do corpo reage sobre a vida da alma. Existe entre alma e corpo uma unidade vital”.⁵⁷

A materialidade em contrapartida existe de forma irreductível, autónoma e hostil à consciência. Não podemos falar de um objecto sem a consciência que o apercebe e não há consciência sem a existência do objecto que é percebido.

A encarnação reflecte, pois, sobre a situação da pessoa como um ser ligado indissoluvelmente a um corpo e que ao mesmo tempo expressa a sua relação com a realidade exterior e concreta através da sua sensibilidade.

O corpo é que faz com que a pessoa seja aquela que é exteriormente. Não é um objecto qualquer, participa na existência do sujeito. Assim, tanto a existência subjectiva como a corporal fazem parte de uma mesma existência pessoal. “A pessoa representa a imagem total do homem, no qual o princípio espiritual domina todas as forças físicas e corporais. A alma e o corpo fazem parte da imagem do homem”.⁵⁸

Podemos constatar que em Mounier há uma dialéctica entre a consciência e a matéria. Quando digo que o corpo é um objecto, mas que ao mesmo tempo não é um objecto qualquer, quero dizer que ele pode ser usado algumas vezes como instrumento, mas também ele é subjectivo no sentido que só a mim pertence. Assim, podemos compreendê-lo como ser que existe no mundo ou como corpo de um sujeito situado no mundo e encarnado. Entretanto, não posso identificar o meu corpo com uma máquina e sua manipulação porque ele faz parte do meu ser. Pois não pode ser reduzido a pura funcionalidade. Ele é visto de forma muito mais profunda e radical. Ele é tanto objectivo como subjectivo. Pois querer entender a pessoa é descrever e caracterizar a sua situação como existente e como fazendo parte da realidade concreta onde se encontra e que ao mesmo tempo a transcende.

Quando Mounier realça a importância do corpo para a existência da pessoa está de acordo com Marx e inclusive cita-o: “Um ser que não é objecto não é um ser”.⁵⁹ Porém, para ele a vida pessoal apenas com a dimensão objectiva nunca alcança a sua

⁵⁷ Nicolas Berdiaeff. *De l'Esclavage et de la Liberté de l'Homme*, Aubier Édition Montaigne, Paris, 1963, p. 32.

⁵⁸ Idem, p. 31.

⁵⁹ LP, p. 447.

“magistral grandeza”⁶⁰ que é a sua dignidade e o seu acabamento. Este é alcançado através da natureza envolvente e dos outros, visto que o homem é um ser original, idêntico a si próprio e peculiar e que não podemos identificá-lo nem com a natureza material, nem com a espiritual ou com a intelectual. Ele possui um corpo que o faz deslocar-se e é dotado de consciência que o faz pensar e transformar a natureza. Ele pode transformar a natureza mas não tem a possibilidade de mudar a identidade da pessoa. A alma da pessoa não está por aí a vaguear para só depois se juntar ao corpo, ela co-nasce com a pessoa e acompanha-a por toda a parte juntamente com o corpo, mas ao mesmo tempo transcende-o. A pessoa humana é corpo e alma indissolúvel e íntegra. O corpo constitui como uma condição para a existência da pessoa. Assim, a pessoa corresponde a um pequeno mundo finito que se encontra inserido dentro de um mundo que por ele é inabarcável.

1.3 - Pessoa e objecto

Mounier na obra *Le personalisme* e em todas as suas obras concebe a pessoa como um ser que nunca deve ser equiparado aos objectos. Ora, os objectos podem ser manipulados, trocados ou vendidos. A pessoa opõe-se ao objecto, pois “... ela não é um objecto... é a única realidade que nós conhecemos e que nós construímos ao mesmo tempo de dentro”.⁶¹ O termo pessoa engloba uma realidade que só ao homem cabe atribuir. Ela é uma realidade intransparente e complexa. Pois é precisamente o “dentro” que a torna complexa. A ciência, mais concretamente a medicina, tentam desvendar esses mistérios mas a presença da pessoa permanece sempre em aberto. A ciência e a medicina podem estudar o corpo da pessoa fazendo comparações com outros corpos, separando-o por partes, mas nunca conseguem estudar a pessoa no seu todo. A pessoa é aquela que é, possui uma subjectividade imprevisível. Mounier situa a pessoa para lá das determinações técnicas ou científicas. Considera que a comparação da pessoa com os instrumentos é totalmente despersonalizada porque separa o corpo do eu que constitui a minha vida, colocando-o na posição de uma coisa. Um objecto pode ser manipulado ou

⁶⁰ LP, p. 468.

⁶¹ LP, p. 430/31.

vendido, tem um preço. A pessoa não tem preço, justamente porque só ela tem a capacidade de atribuir preço e valor às coisas. As coisas não dão preço às pessoas justamente porque não têm consciência do preço e nem sabem que o preço existe. Se ela tem a noção de preço é porque ela não pode ser comparada com os objectos. Por isso, não deve ser comercializada nem penhorada.

Mounier ao destacar que a pessoa não é um objecto, realça a importância dos objectos para a auto-realização total da pessoa. Não sendo objecto, a pessoa necessita dos objectos para poder sobreviver. Ora, a subjectividade da pessoa, de que tanto fala Mounier, não é pura porque tem a necessidade de relacionar-se com os objectos. Daí que haja uma correlação entre o ser que constitui a subjectividade e o ter que constitui a objectividade. O ser faz com que a pessoa seja aquela que é (ser lançado ao mundo que através de um processo contínuo vai sendo). O ter completa a existência da pessoa, na medida em que sem ele a pessoa não se realiza integralmente. Assim, “o sujeito só se encontra e se fortifica por intermédio do objecto. É preciso sair da interioridade para alimentar a interioridade.”⁶² Para isso Mounier insiste em chamar a atenção para o despojamento do ter de modo a que a pessoa não caia no individualismo ou egocentrismo. Ele aponta a generosidade como a pedra basilar para o combate daqueles. O generoso é desinteressado, o que lhe interessa é a reciprocidade. Dá desinteressadamente para se sentir bem com ele, para ver o outro também feliz. A fonte da generosidade está na pessoa, na sua consciência e na sua qualidade ou pureza interior. O generoso está sempre ao serviço dos mais necessitados, dos que estão adormecidos sobre os seus direitos. É humilde e solidário.

Mounier é um exemplo vivo da generosidade. Ele próprio esteve sempre ao serviço dos mais necessitados e a sua filosofia gira em torno do desnivelamento social onde quer que ele se manifeste. Dedicou especial atenção ao estudo do desnivelamento social dos agricultores.

Mounier sublinha a importância do ter e do ser na realização pessoal: “não é possível a pessoa ser sem ter, embora o seu ser seja potência indefinida de ter, não seja nunca esgotável pelos seus teres e os ultrapasse pela sua significação. Sem ter, ela não

⁶² LP, p. 469.

tem suporte e dissolve-se nos objectos.”⁶³ Assim sendo, Mounier entre a posição que aponta o ter e a que aposta no ser mantém o sentido de relação ou de fusão entre eles. Daí que a pessoa só se realize na exterioridade ou na objectividade, pela assimilação dos dados exteriores a ela. Não existe ser da pessoa separado do ter e vice-versa. Daí que a felicidade de todas as pessoas esteja no uso coerente e ponderado de ambos. É necessário equilibrar o ser para si e para o outro de modo que nem um nem outro fiquem em desvantagem. Ora, “o desenvolvimento da pessoa implica como condição interior uma desapropriação de si e dos seus bens que despolariza o egocentrismo”.⁶⁴

A pessoa “ assim como não é um objecto visível, não é um resíduo interno, uma substância escondida sob os nossos comportamentos, um princípio abstracto dos nossos gestos concretos”⁶⁵: é um ser comunicativo, dinâmico e autónomo. É autónoma no acto de escolha, age por si só na medida em que, sendo livre, não vive sozinha, comunica com os outros. Portanto, ela é tanto exterioridade, movimento para o outro, como interioridade, movimento para si. Sendo um ser dinâmico e autónomo deve realizar a sua vida de forma digna aderindo a valores que levam à personalização de si, dos outros e do mundo. Deve aderir a valores capazes de criar à sua volta pessoas dignas, livres e responsáveis. Como se indicou, Mounier pretende afastar a sua concepção da pessoa das correntes filosóficas materialistas e dogmáticas que consideram a pessoa como mero depósito de informações e objectos, pessoas que podem ser organizadas ou programadas para atingir determinados objectivos.

1.4 - Pessoa e indivíduo

O indivíduo é uma palavra de origem latina: provém de *individuus*, indivisível, de *dividere*, dividir; pode significar ainda ser indiviso, algo que não pode ser dividido sem ser destruído, algo que é inteiro. A pessoa é indivisa porque não podemos conhecê-la por partes separando corpo e espírito mas só na sua totalidade, como um ser que é bipolar. A pessoa é o lado racional e espiritual do homem. O homem actua irracionalmente quando age sem pensar no outro, quando pensa apenas no interesse

⁶³ LP, p. 466.

⁶⁴ LP, p. 467.

⁶⁵ LP, p. 431.

próprio passando por cima de tudo e de todos. Mounier não separa a pessoa do indivíduo, limita-se a distingui-los e a compará-los.

João Bernardo define o indivíduo (indiviso) como aquele que “não pode ser cindido, dividido sem destruir a sua identidade de substância composta dum corpo orgânico e da correspondente alma racional, que estabelece a unidade dos elementos como matéria e forma substancial”.⁶⁶

Mounier distingue na obra *Le personalisme* a pessoa do indivíduo e caracteriza-a, citando Gabriel Marcel, como um ser “disponível, transparente a si próprio e aos outros”⁶⁷. A pessoa, aqui ao contrário do indivíduo, que é totalmente voltado para si, é aberta aos outros, é um ser comunicativo. Ela é tanto individualidade como colectividade. Isto é, tem o seu próprio mundo interior ou individual, mas necessita do mundo concreto ou exterior para poder realizar-se como pessoa.

A pessoa no personalismo não é um ser isolado mas sim comunicativo e activo. É alguém aberto a ser e a estar em comunhão. O indivíduo é possessivo, auto defensivo e muito apegado à matéria. Isto leva-o a ser egoísta e reivindicativo. Ora, “o indivíduo é esta dispersão, esta dissolução da minha pessoa na matéria, este refluxo em mim da multiplicidade desordenada e impessoal da matéria, objectos, forças, influências onde eu me exponho”.⁶⁸

O indivíduo que Mounier retrata no *Manifeste au service du personalisme* é um ser disperso e distraído, e é precisamente a dispersão e a distração que o levam a perder-se na matéria, porque não pára para reflectir, para purificar a sua interioridade, age por instintos. Pois ele vive da exterioridade, submetendo-se aos prazeres momentâneos, mundanos e passageiros. A pessoa, ao contrário do indivíduo, aparece como um ser concentrado e integrado, que se movimenta entre a autenticidade e a inautenticidade. O indivíduo é “dispersão, avareza. A pessoa é domínio e escolha, é generosidade. Ela é, pois, na sua orientação íntima, polarizada, exactamente o oposto ao indivíduo”.⁶⁹

No *Traité du caractère* Mounier acrescenta mais duas características do indivíduo: a vaidade e a inveja.

⁶⁶ J. Bernardo Domingues, *Pessoa entre o mundo e Deus*, p. 36.

⁶⁷ *LP*, p. 452.

⁶⁸ *MSP*, p. 525.

⁶⁹ *MSP*, p. 525.

E ainda dois tipos de acções praticadas por indivíduos:

- De herói vingativo da fraqueza; de enfermo semeador de ódio.⁷⁰

A pessoa, portanto, longe de ser um indivíduo ou uma personagem é um ser concentrado e integrado, capaz de escolher e de agir com responsabilidade. É um ser com a capacidade de reflectir por si mesmo, consciente da sua liberdade e da sua acção. Por outro lado, a minha pessoa não é a minha personagem, aquela que eu represento, ela é supra-consciente porque “não é a consciência que eu tenho dela”⁷¹ é um princípio coerente e presente, resultante de um esforço da personalização de mim. A pessoa é a fusão da matéria e do espírito. Essa fusão evita a sobrevalorização de um em detrimento do outro. Logo, a pessoa é apanhada numa dialéctica interioridade/exterioridade/objectividade. Pois a interioridade ajuda a pessoa a alimentar e a fortificar a exterioridade. Portanto, qualquer acção requer uma meditação a fundo antes de ser realizada, mas para ser realizada necessita da exterioridade. A dispersão “conduz a atitudes nefastas: inveja, reivindicação desajustada, tenta o monopólio das influências profissionais e sociais, defende o seu castelo de egoísmo insensato com falsidades, agressões e desprezo, não olhando a meios para conseguir os seus objectivos perversos”.⁷²

A minha pessoa é a minha presença em corpo e em espírito, é a unidade do material, do espiritual e do temporal. Por isso a sua missão primeira é descobrir progressivamente a unidade e a comunidade universal e lutar contra a dispersão da matéria. Ela é uma presença activa em mim. A minha pessoa sendo encarnada não tem a possibilidade de se separar da matéria, é serva da matéria (a matéria sustenta a minha pessoa) e ao mesmo tempo transcende-a porque o corpo não é cárcere do espírito. Assim sendo, tanto o espiritualismo como o marxismo têm uma visão incompleta da pessoa.

Mounier vê a pessoa como um ser que não deve permanecer amarrado aos seus princípios, mas que é social porque só com o outro é capaz de realizar a sua vida. Embora não se identifique com o outro, porque tem a sua própria maneira de pensar diferente dos outros. Até porque só há progresso social na diversidade e complementaridade de pensamentos e de opiniões. As mesmas opiniões significam conformismo. Assim,

⁷⁰ TC, p. 38.

⁷¹ MSP, p. 529.

⁷² Fr. Bernardo Domingues, *Modos de Intervenção* Porto, Livraria Franciscana, 1991, p. 91.

Mounier combate a ideia da colectividade em detrimento de uma comunidade onde as pessoas possam viver livres da violência. Define a comunidade “como uma integração de pessoas numa inteira salvaguarda da vocação de qualquer um... uma realidade, um valor, uma aproximação fundamental das pessoas”.⁷³ Portanto, a comunidade concebida por ele não corresponde ao agrupamento de indivíduos anónimos ou que partilham os mesmos costumes, espaço, etc. mas é um agrupamento de pessoas que se complementam. A complementaridade, o amor, a amizade, constituem as bases essenciais para a formação de uma comunidade feliz e estável.

Mounier fala de uma comunidade espiritual e personalista que se definirá como uma “pessoa de pessoas”.⁷⁴ Uma comunidade que procura a realização social, ou seja, a realização de todos os seus membros.

Por isso, ele insiste sempre em opor a comunidade às sociedades dos anónimos – “onde reina... a despersonalização, a irresponsabilidade, a desordem e a opressão”...⁷⁵, vitais – toda a sociedade cujo vínculo é constituído somente pelo facto de viver em comum – baseada no contrato social ou jurídico⁷⁶ que organizam as pessoas sob determinados objectivos. Mounier designa este tipo de sociedades como “anónimas” ou de “l’on”, nas quais as pessoas são tratadas como meros objectos e não têm oportunidades de falar nem de participar. São pessoas programadas formando um todo ou uma massa homogénea onde a singularidade desaparece.

Ora, a pessoa antes de fazer parte de qualquer grupo ou regime é uma pessoa, a sua mente é única e peculiar, o que impossibilita que o seu querer e as suas ânsias particulares sejam satisfeitas com as vontades impostas por grupos. Mas isto não significa que a pessoa não necessite da colectividade. Sendo um ser social, a pessoa não se deve deixar de tal modo perder na colectividade que se torne conformista, perdendo assim a sua identidade e autonomia. Por sua vez, a pessoa não deve ser exageradamente possessiva até ao ponto de cair na solidão ou tornar-se egoísta fechando-se sobre si própria. O movimento entre a individualidade e a colectividade é um movimento de complementaridade. Portanto, a pessoa deve purificar a sua individualidade através da

⁷³ *RPC* p. 175.

⁷⁴ *RPC*, p. 202.

⁷⁵ *RPC*, p. 197.

⁷⁶ *RPC*, p. 199.

libertação das amarras da colectividade. “A pessoa é transcendente tanto ao individual como ao social, mas ela não se realiza sem eles”.⁷⁷

“O indivíduo é a face irracional da pessoa”⁷⁸ porque ele não vê o lado racional das coisas, precisamente porque é superficial, cego, avarento, insensível aos outros e alheio à espiritualidade. Apenas desempenha papel de personagem que lhe foi imposta ou criada por ele. A pessoa não é o reflexo do outro visto que é integrada e singular, tem a sua maneira de pensar diferente dos outros. Neste contexto surge a vocação que Mounier define como “princípio vivo e criador.”⁷⁹ Não se deve dar à pessoa algo já criado ou oferecer todas as directrizes que ela deve seguir sem a sua participação no acto. A pessoa também tem opiniões originais e diferentes para dar. Pôr-se no lugar do outro é privá-la de sua liberdade, é considerá-la como incapaz. Pois “só a pessoa encontra a sua vocação e traça o seu destino. Ninguém mais, nem homem, nem colectividade, lhe pode usurpar essa incumbência.”⁸⁰ A vocação deve ser traçada pela própria pessoa, “ela não é como uma ideia já feita”⁸¹ porque cada pessoa é dona do seu próprio destino. Cabe-lhe decidir a sua vida. O seu destino não deve ser pré-determinado através do uso de meios agressivos ou persuasivos. Neste sentido o que deve haver é criação de condições para a pessoa traçar as suas metas. A pessoa deve considerar o outro como capaz de realizar a sua vida, por ser autónomo, livre e dotado de valor, respeito e dignidade. Pois a pessoa diferencia-se do indivíduo na sua forma de agir e de pensar. Como já se indicou, o indivíduo, ao contrário da pessoa, pensa e age de forma irracional e desumana.

Mounier insiste que assim como a vocação, também a liberdade deve ser dirigida pela própria pessoa, não deve ser oferecida de fora objectivamente. Mounier diz que “a liberdade da pessoa é adesão. Mas esta adesão só é propriamente pessoal se for um compromisso consentido e renovado com uma vida espiritual libertadora, não a simples adesão obtida à força ou por entusiasmo a um conformismo público.”⁸² Aqui insurge-se contra os regimes autoritários e liberais que oferecem uma liberdade materializada e formal aos indivíduos. A liberdade deve ser espiritual e objectiva mas ao mesmo tempo

⁷⁷ *RPC*, p. 78.

⁷⁸ *MSP*, p. 527.

⁷⁹ *MSP*, p. 528.

⁸⁰ *MSP*, p. 528.

⁸¹ E.Mounier, *Personalisme. et Christianisme*, in *Œuvres*, Tome I, 1931-1939, Éditions du Seuil, Paris, 1961, p. 751.

⁸² *PC*, p. 533.

conquistada pela própria pessoa.

1.5 - Pessoa e personalidade

Nuttin diz: “O termo pessoa designa o indivíduo humano concreto. A personalidade é uma constituição científica elaborada pelo psicólogo com a finalidade de definir no nível da teoria científica – a maneira de ser e de funcionar que caracteriza o organismo psico-fisiológico a que chamamos pessoa humana”.⁸³

A personalidade e a individualidade em Mounier são duas dimensões que convergem numa mesma pessoa, mas que ao mesmo tempo são divergentes.

A personalidade diz respeito às características parciais, perceptíveis e individuais de uma pessoa, enquanto que a pessoa diz respeito às características totais e misteriosas do indivíduo, animado pela interioridade, que desemboca na universalidade da acção e da consciência criadora.

A personalidade ao contrário do indivíduo que é um ser descomprometido, “empenha-se, compromete-se... magoa-se, desconfia”...⁸⁴

A personalidade pode ser moldada, ou seja, é instável, parcial e finita enquanto que a pessoa é um ponto fixo, total e estável. Ninguém, nenhuma ciência, nenhuma técnica tem a capacidade de mudar a minha pessoa. “A pessoa é um infinito, ou melhor, um transfinito – feito à imagem de Deus, diz o crente”.⁸⁵

Mounier vê a personalidade como susceptível de descrição, de “elaboração”⁸⁶ e de conhecimento, ou seja, podemos através de um estudo psicológico aprofundado ou por meio de testes conhecer a personalidade de determinados indivíduos ou também um indivíduo pode assumir determinado tipo de personalidade perante os demais. A pessoa, mais do que a minha personalidade, é um ser cuja profundidade, cuja interioridade é desconhecida, indesvendável e misteriosa, “uma unidade dada, não construída”⁸⁷ de fora mas de dentro.

⁸³ Joseph Nuttin, *A estrutura da personalidade*, Brasil, S. Paulo, Livraria S. Paulo, 1969, p. 24.

⁸⁴ *RPC*, p. 181.

⁸⁵ *RPC*, p. 181.

⁸⁶ Fernando Vela Lopes, *Democracia y demopodia en E. Mounier*, p. 65.

⁸⁷ *Idem*, p. 178.

⁸⁷ *Idem*, p. 178.

Podemos resumir, como fez Fr. Bernardo, a pessoa e a personalidade do seguinte modo:

“A pessoa e a personalidade têm configuração diferente em cada pessoa (hereditariedade, temperamento, carácter, história vivida, sofrida, projectos etc.) e exerce a subjectividade ao longo da história pessoal com certa continuidade mas também com novidades. A pessoa é o suposto metafísico... cuja complexidade já referimos, expressa na experiência da auto-consciência directa, sem intermediários, e capaz de avaliar e escolher”.⁸⁸

1.6 - Pessoa e natureza

Na obra *Le personalisme* Mounier considera a pessoa como um ser emergente e incorporado, distanciando-a assim dos outros animais e da natureza objectiva. Portanto, a pessoa é um ser existencial - que existe independentemente da natureza, embora mergulhada nela, transcende-a – é dotada de corpo e alma. O corpo, dimensão material da pessoa, permite-lhe expor-se ao mundo e aos outros. É com ele que a pessoa se desloca, e ele próprio impõe à pessoa determinadas consequências. “O homem é um ser natural; pelo seu corpo, ele faz parte da natureza, e o seu corpo segue-o para toda a parte. Saibamos tirar daqui as consequências”.⁸⁹ Sendo a pessoa quem decide a sua vida, a sua acção está correlacionada com o seu corpo. Pois sem corpo não há acção e esta para se realizar precisa do exercício reflexivo do espírito, ou seja, da razão. Mounier considera que a pessoa humana está sujeita à alienação ou à despersonalização devido ao seu corpo. Duas razões podem levar a essa tendência de despersonalização: a primeira é a investigação científica - este maravilhoso instrumento de pesquisa científica ao qual devemos todos os nossos progressos, mas que ao mesmo tempo contribui para abandonar a pessoa perante engrenagens manipuláveis. A segunda é a descoberta do mundo, objecto vasto, misterioso e inabarcável. “Pois o homem e o cosmos não estão tão estreitamente ligados. A pessoa emerge da natureza e o universo é-lhe proposto como um vasto corpo

⁸⁸ Fr. Bernardo Domingues, *A pessoa entre o mundo e Deus*, p. 55.

⁸⁹ *LP*, p. 442.

de que ela se apropria pela ciência e pelo trabalho, mas a natureza permanece em grande parte indecifrável e rebelde, lugar de impessoal e de objectiva ocasião permanente de alienação. O acto de conhecer e o de transformar são também “rupturas” antes de ser apropriação”.⁹⁰ A pessoa é um ser que não estando estritamente ligado à natureza, emerge da natureza e transcende-a, mas, não sendo natureza (o mundo exterior), é um “ser natural humano”⁹¹, para usar a expressão de Marx. Ser natural implica a originalidade da pessoa e todas as suas características que co-nascem com ele. A sua originalidade (maneira de falar, pensar, agir, a sua inteligência) não tem nenhum artifício, é singular, “participa na vida divina de Deus. A pessoa contrariamente a todas as outras naturezas criadas está em ligação imediata com Deus”⁹², perfeição das perfeições. É pessoa humana porque a sua natureza ou essência é humana. As suas características enquadram-se na espécie humana e a espécie humana é dotada de racionalidade.

Assim sendo, “o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. É capaz de amar”...⁹³ Precisamente por ser capaz de sofrer com o outro. A pessoa é, como diz S. João da Cruz, que ele cita, “terra” e “sangue”⁹⁴, corpo e espírito na união da mesma existência. Mounier concebe a pessoa como um ser capaz de tentar ultrapassar os obstáculos que a natureza lhe impõe em contraste com os outros animais que vivem daquilo que a natureza lhes oferece. Ele vê a relação do homem com a natureza não como uma pura exterioridade mas como um processo dialéctico e também como uma relação de amor. A natureza oferece-se de forma bruta e o homem deve transformar com amor aquilo que lhe é oferecido. Mesmo havendo dialéctica pessoa/natureza, esta permanece em grande parte indecifrável e rebelde. Devido ao seu carácter indecifrável é que ela deve ser respeitada pelo homem.

Mounier dá-se conta de que o homem não é um ser enclausurado no seu destino pelo determinismo, é livre, dinâmico e criativo. Isso leva-o a uma permanente tendência para a despersonalização ou para a personalização. A pessoa não se contenta somente em

⁹⁰ J. Dominach, « Mounier et Teilhard de Chardin », *Esprit*, Mars, 1963, p. 345.

⁹¹ *LP* p. 442.

⁹² E. Mounier, « Personnalisme Catholique I », *Esprit*, Février, 1940, p. 227.

⁹³ *LP*, p. 443.

⁹⁴ *LP*, p. 442.

suportar as provocações da natureza, transforma-a e impõe a sua soberania. O homem não se acomoda demasiado ao meio natural até ao ponto de se tornar um animal doméstico, ele é um ser criativo e dinâmico. A pessoa deve negar a natureza como um dado e transformar-se em obra pessoal, em suporte de toda a personalização.

Mounier constata que “só o homem é capaz de inventar instrumentos e depois ligá-los a um sistema de máquinas que prepara um corpo colectivo à humanidade”.⁹⁵ Mas é a favor de que o “domínio” da natureza deve ter um carácter racional e não irracional. A pessoa é um ser que emergiu para libertar e não para oprimir nem as coisas nem os outros, que surgiu para amar e cooperar.

Por isso, por mais que a ciência e a técnica se desenvolvam, a produção deve ter um carácter libertador que implica respeitar todas as exigências do ser pessoal ou da pessoa. A ciência só tem valor quando tem em conta o universo de pessoas.

O homem actual, esmagado pela ciência e pela técnica, esquece o universo pessoal. Entrega o seu peso cego à despersonalização de si, dos outros e da natureza. A técnica rompe os contactos humanos e faz com que o homem pense em si mesmo e não nos outros e no meio envolvente.

Mounier situa o homem num mundo em desenvolvimento, conciliando a evolução e a história, rejeitando o dogmatismo.

A encarnação de que fala Mounier não deve ser concebida como algo que contribui para o mal da pessoa mas sim para mostrar que ela é um ser racional, capaz de responsabilidade e de amor para com a natureza.

A intenção de Mounier não é aprofundar os estudos sobre a ecologia, mas é chamar a atenção para o respeito que a pessoa deve ter pela natureza e para o cuidado que deve ter ao exercer qualquer acção contra ou sobre ela.

1.7 - Pessoa e máscara

Na origem da palavra pessoa está a palavra latina *persona* ligada ao verbo *personare* que designava a máscara por detrás da qual o actor desaparecia para desempenhar o papel da personagem. A personagem, sendo aquela que representa, deixa

⁹⁵ LP, p. 449.

transparecer apenas a exterioridade, a aparência. Essa exterioridade pode ser captada, apreendida e imitada pelo outro. A minha pessoa não é a minha personagem que “ nasce do casamento do meu temperamento e de qualquer capricho intelectual... ou personagem que eu acredito ser ou que quero ser e que me assegura uma boa consciência só pela presença da minha aspiração reflectindo a sua imagem”.⁹⁶

Também a pessoa não é personagem (aparência) porque não se pode apreender do exterior, a nossa sensibilidade não capta a pessoa na sua totalidade. A personagem que é vista pelo outro como se de um objecto se tratasse não coincide com a minha pessoa visto que eu me encontro em constante processo de personalização. Por isso, a pessoa só o é quando existir a interioridade. Uma interioridade dinâmica, sempre à procura da perfeição. Portanto, a pessoa humana não é um ser abstracto nem uma simples entidade vital, mas sim um princípio necessário à representação coerente da vida humana. A pessoa é um ser concreto, que existe no mundo, que o encara de frente numa luta sangrenta para assegurar a sua sobrevivência e que se relaciona com o outro de forma sincera, transparente e honesta. Assim, na perspectiva de Mounier, “a palavra mais próxima da pessoa é *prósopon*. Aquela que olha de frente, que afronta”.⁹⁷ Também “indica ao mesmo tempo a máscara do actor, a máscara que pode dissimular ou sustentar a expressão da personagem. Que eu procuro apreender e me escapa a mim mesmo”.⁹⁸ A “máscara identifica-se com a realidade: por isso evoca menos um actor, diz Klages do que um portador de máscara no qual a máscara se tornou carne, ou antes, atrás de cuja máscara se encontraria não um ser vivo, mas uma engrenagem pronta a seguir as injunções da máscara: é um autómato simulando vida.”⁹⁹ A máscara identifica-se com a realidade quando a pessoa distorce a verdade dando-lhe um carácter pessoal. Esse tipo de máscara pode entender-se como mentira da pessoa para obter o proveito próprio. “A essência da mentira implica que o mentiroso esteja completamente a par da verdade que esconde. Dissimulada, imitadora é a intenção da personagem que ele representa aos olhos do interlocutor”.¹⁰⁰

⁹⁶ *RPC*, p. 177.

⁹⁷ *LP*, p. 470.

⁹⁸ E. Mounier, « Personnalisme Catholique I » *Esprit*, Février, 1940, p. 230

⁹⁹ Aurora Domingues, *Emmanuel Mounier. O personalismo comunitário*, Universidade do Minho, p. 157/58.

¹⁰⁰ Jean. Paul Sartre – *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica, Editora Vozes, 12º edição,

“A linguagem corrente designa por máscara aquilo que mais não é do que a aparência do mim aos olhos de outrem independentemente do conhecimento que esse eu pode alcançar”.¹⁰¹ Este tipo de aparência, analisado à luz do pensamento de Mounier, não é máscara mas sim o que eu deixo transparecer através do meu corpo, da minha experiência sensível. Através do meu corpo porque o ser íntimo da pessoa é sempre intransparente e, por isso mesmo, sempre de difícil identificação e conhecimento.

Em Mounier há máscara quando a pessoa propositadamente ou em proveito próprio distorce ou transforma a verdadeira realidade das coisas – neste caso os direitos das pessoas - impedindo a pessoa de se “conhecer” ou de se realizar na sua autenticidade. A máscara oculta a verdadeira realidade das coisas. Este tipo de máscara transparece na relação interpessoal.

A máscara pode ser classificada em exterior e interior. É exterior “quando tenho consciência de ter uma aparência aos olhos de outrem.”¹⁰² A máscara exterior transparece através do meu corpo. O meu corpo, sendo sensível, deixa transparecer nele o meu estado de espírito a outrem de forma inevitável.

Ela pode ser ainda classificada em cultural ou histórica. Em todo o caso, qualquer que seja a classificação, é sempre representação disfarçada da pessoa que tenta representar o que na realidade não é.

A máscara interior é aquela que se encontra em mim e só a mim pertence como algo inteligível. Portanto, “as minhas máscaras interiores são as manifestações de uma personalidade inacabada, e podem resultar quer do seu desejo de acabamento, quer do seu esforço para fugir da vertigem onde se despersonaliza”.¹⁰³ Este tipo de máscara surge na pessoa como uma ânsia de perfeição ou de posse. Pois constitui como um convite para a reflexão, para a conversão ou mudança de vida da pessoa, a que Mounier chama “conversão íntima”¹⁰⁴. A pessoa só é ela mesma quando deixar de usar tanto a máscara interior que a impede de ser ela mesma como a exterior que dificulta a sua relação com os outros. Pois as máscaras impedem a pessoa de se realizar na íntegra, de ser idêntica a si própria. A partir do momento que a pessoa deixar de a usar como engrenagem torna-se

Petrópolis, 2003, p. 93.

¹⁰¹ Maurice Nédoncelle, *Vers une philosophie de l'amour*. Aubier edition Montaigne, Paris, 1946, p. 139.

¹⁰² Idem, p. 145.

¹⁰³ Idem, pag 158.

¹⁰⁴ LP, p. 462.

fiel, compreensiva, e principalmente respeitadora dos direitos dos outros, age com justiça e responsabilidade. Deixa de lado o egocentrismo e o individualismo, tão criticados por Mounier em todas as suas obras, tornando-se disponível e acolhedora, capaz de olhar para o outro e ver o rosto. Portanto, a identidade da pessoa deve ser marcada com o selo de transparência, compreensão, disponibilidade, e generosidade. Mounier foi um desmascarador tanto das doutrinas como das pessoas que desvalorizavam a pessoa através de apelo ao primado da pessoa como fim da acção.

“Em suma o plural uso das máscaras é um recurso para tentar uma determinante representação da complexidade da vida pessoal, que está na confluência do mundo material e do espiritual”.¹⁰⁵

2 - A transcendência da pessoa

2.1 - A pessoa transcende a natureza

Transcendência provém da palavra latina *transcendere* que significa passar para lá, ultrapassar.

Dizer que a pessoa é transcendente, implica dizer que ela é mais do que um “joguete de natureza”.¹⁰⁶ Inserida na natureza, é capaz de transcendê-la de duas formas: pelo conhecimento do universo e pela sua capacidade de transformá-la. A pessoa é capaz de transcender a natureza porque a “domina” através do conhecimento e porque tem uma capacidade superior a ela que é a capacidade de transformá-la. São essas características que a tornam singular. Diferente dos outros animais, é capaz de reciprocidade, de consciência e de amor, de sair de si para se oferecer ao outro.

Mounier concebe a pessoa como ser que é transcendente à natureza e aos outros, no sentido de que ela não é natureza objectiva, escapa-se sempre que querem abarcá-la e transcende os outros por ser singular. Por esta razão ao dizer que a pessoa é transcendente está-se a opô-la tanto ao conceito racionalista como ao materialista que tentam limitá-la ou fechá-la no seu destino. A transcendência é uma tensão ascensional, criadora e

¹⁰⁵ Fr. Bernardo Domingues, *Personalismo e perspectiva*, Porto, Metanoia, 2000, p. 80.

¹⁰⁶ LP, p.442.

progressiva da pessoa em direcção aos valores. A ascensão da pessoa é a sua luta contra a despersonalização, contra a servidão. Pois a pessoa realiza-se transcendendo-se à procura do outro e de si, ou seja, da sua auto-realização e da realização do seu semelhante. Ela transcende-se em direcção ao “absoluto” que lhe é imanente. Essa transcendência é atingida no amor, numa entrega total ao outro. A pessoa só se transcende quando se despoja ou sai de si para se entregar ao outro, para viver na pele do outro, sem nenhum interesse secundário.

Assim Mounier afirma que “o homem não está encerrado no seu destino pelo determinismo”.¹⁰⁷ Sendo um ser limitado, a pessoa é incapaz de dominar a natureza no seu todo porque ela é dada, encontra sempre obstáculos que a impedem de abarcar a natureza. Por isso, ele é um ser que enfrenta uma luta sangrenta na esperança de ter e fazer algo melhor. A grandeza do homem encontra-se no combate e na luta incansável e incessante por um mundo melhor e humano, por ultrapassar os instintos da animalidade e da materialidade.

Mounier considera a pessoa como um ser dotado de transcendência, voltado para si e para o outro, como comunicativa e social, que necessita da matéria para poder sobreviver. Por isso, dizer que ela é transcendente não implica separá-la das suas duas dimensões (corpo e alma) mas considerá-la como uma síntese.

O que Mounier nos quer dizer é que a pessoa, mais do que uma manifestação do fenómeno, é um ser dotado de corpo e espírito, é um ser de mistério. É esse mistério indesvendável, esse segredo que radica nela, que lhe dá esse carácter de transcendência. Ela é sempre um querer projectar-se para além do fenómeno ou da matéria.

Pois a pessoa transcende o mundo pela sua racionalidade e por sua vez o mundo transcende-a porque ela não tem a possibilidade de abarcá-lo na sua totalidade, deixando sempre margem de mistério por desvendar.

Mounier destaca na obra *Le personalisme* duas condições essenciais para a pessoa transcender a natureza:

Por um lado, não exaltar nem desprezar nem a matéria nem o espírito mas conciliá-los, considerá-los ambos como dotados de valor.

Por outro, não considerar a pessoa apenas numa só perspectiva, espiritualista,

¹⁰⁷LP, p. 443.

marxista ou moralista. O personalismo trata de um homem concreto, condicionado pela matéria, mas que é capaz de se elevar espiritualmente. Assim, tanto o espiritualismo como o materialismo ou o moralismo cometeram um grande erro ao desprezarem as dimensões material, espiritual e biológica da pessoa.¹⁰⁸

2.2 - *Transcendência e dignidade da pessoa*

Mounier na obra *Le personalisme* fala da “eminente dignidade”¹⁰⁹ da pessoa discutindo sobre a sua transcendência, condição essencial da sua dignidade. Citando santo Agostinho diz: “para pensar a transcendência, temos de evitar representações espaciais. Uma realidade transcendente a uma outra não é uma realidade separada e como que sobre ela pairando, mas uma realidade superior em qualidade de ser, que não pode ser atingida por outra em contínuo movimento, sem um salto dialéctico ou de expressão. As relações espirituais são relações de intimidade na distinção e não de exterioridade na justaposição, a relação de transcendência não implica forçosamente a presença da realidade transcendente no coração da realidade transcendida”.¹¹⁰ Mounier vê a transcendência da pessoa como o esforço do homem para compreender a natureza no seu todo. Isso remete-o para a existência de uma realidade inexplicável, que não está fora dele mas que é misteriosa. Esse mistério encontra-se na sua própria intimidade. Ser um ser transcendente não significa remeter para a ideia de um ser radicalmente separado do mundo e infinitamente superior a si próprio, mas sim um ser existente no mundo e idêntico a si próprio que simplesmente ultrapassa a natureza material. A pessoa é essa realidade que ultrapassa a realidade material. Ela é o movimento para o transpessoal, para a plenitude nunca alcançada. A transcendência não se encontra em nenhum ser separado da pessoa mas nela própria. A pessoa é um “absoluto” procurado na realidade concreta. A transcendência acompanha a pessoa ao longo da sua história como ser inserido no mundo. A pessoa é um ser por completar, não é um ser acabado, e esse completar-se orienta-a

¹⁰⁸ LP, p. 445/46.

¹⁰⁹ LP, p. 485.

¹¹⁰ LP, p. 485.

para a transcendência, o que implica escolha e adesão livre. Para que isso aconteça é necessário libertar-se um pouco da matéria.

É por ser um ser transcendente que Mounier considera que a pessoa é dotada de dignidade. Essa dignidade é tão elevada que a aproxima da transcendência. Essa transcendência alcança-se através da consciência que nos faz libertar dos instintos da animalidade para ascender a valores supremos, verdadeiros e dignos.

“A transcendência da pessoa manifesta-se a partir da actividade produtora”.¹¹¹ Ao dizer isto Mounier considera que a produção deve ter uma boa finalidade ou seja deve estar bem orientada. O trabalho dignifica o homem, mas o trabalho onde haja respeito e consideração pela pessoa. Quando isso não acontece torna-se um suplício. A pessoa não é mera produção porque ela é mais do que a sua vida, embora também não seja ser no sentido do absoluto perfeito e acabado porque é um ser em aberto, cujo acabamento se dá na relação com os outros e com a natureza.

A transcendência deve ser direccionada para os valores no sentido positivo e digno. Mas esses valores não devem ser oferecidos de fora, mas assumidos pela própria pessoa. Por outro lado, estes valores devem ter características gerais, ou seja que abrangem todas as pessoas.

Portanto, Mounier concebe uma pessoa digna como aquela que incorpora nela valores, não os valores que tendem a desaparecer, mas os universais e perenes, como por exemplo a justiça e a paz, que reflectem a verdadeira dignidade. Mounier considera que na sociedade contemporânea, dominada pela ciência e pela técnica, há uma perda de valores ou, poderíamos dizer, uma transmutação dos valores devida à ansiedade do homem em querer atingir a plenitude de forma egoísta e egocêntrica. O desenvolvimento pessoal é necessário mas nunca se deve esquecer que a racionalidade é necessária. Uma técnica e uma ciência irracionais contribuem para a degradação da pessoa reduzindo-a ao nada.

Reconhecer à pessoa um valor e dignidade absolutos, é ultrapassar a simples afirmação dos seus direitos. É dizer que ela deve ser protegida e respeitada mesmo quando é impedida ou incapaz de agir livremente. Também dizer que a pessoa é um ser de valor equivale a dizer que é dotada de direitos e que é capaz de tomar decisões que a

¹¹¹ LP, p. 485.

comprometem.

A concepção da pessoa que Mounier apresenta na obra *Manifeste au service du personalisme* é tal que ela não é propriedade nem do Estado, nem da família nem de nenhuma instituição. Por isso, “nunca pode ser considerada como parte de um todo: família, classe, estado, nação, humanidade. Nenhuma outra pessoa, por maioria de razão nenhuma colectividade, nenhum organismo pode utilizá-la legitimamente como um meio”.¹¹² Neste sentido, a pessoa é superior a qualquer instituição pública ou privada. Ora, ela é um ser autónomo e livre; por isso não deve ser manipulada de qualquer maneira como se de um objecto se tratasse. Mais do que um objecto, ela é dotada de dignidade, e de valor, por isso, transcendente.

A transcendência exige da pessoa uma perspectiva realista e valorativa, que faça com que nem a matéria nem o espírito sejam sobrevalorizados. Neste caso tanto o espiritualismo como o marxismo são postos de lado por desvalorizarem o lado material e espiritual da pessoa. A matéria e o espírito necessitam-se mutuamente e constituem-se como suporte do absoluto humano. Pois o seu absoluto transparece na sua vivência concreta, ou seja, quando ele é considerado como fim da acção. Portanto, a pessoa é um absoluto humano porque depende intimamente da matéria para poder agir, ou seja, para que a sua acção possa ser reconhecida pelo outro. Assim sendo, Mounier considera o absoluto humano como “a totalidade da história do homem”.¹¹³ Ele define a história como “a co-criação dos homens livres em que as suas condições ou estruturas correspondem ao campo de acção da pessoa como o destino comum da humanidade”.¹¹⁴

A pessoa em Mounier, ao contrário dos fenómenos, é activa e criativa, existe para transcender, não transcende para existir. Com efeito, a pessoa “é transcendente ao dado”¹¹⁵, ao mundo dos fenómenos, pela sua originalidade e identidade. O homem é um ser que existe no mundo para revelar esse mundo e a si mesmo através da transcendência constante que exerce a seu respeito. O facto de ele existir como ser no mundo significa que participa dessa consistência e limitação espaço-temporal, que são para ele as marcas da realidade e da existência. Ora, “a pessoa não é uma arquitectura imóvel; dura,

¹¹² *MSP*, p. 524.

¹¹³ *QQP*, p. 199.

¹¹⁴ *LP*, p. 495.

¹¹⁵ *TC*, p. 39.

experimenta-se ao longo do tempo.”¹¹⁶ Realiza-se e desenvolve-se segundo as três dimensões do tempo: “É inseparável dum presente pessoal, e é por isso que qualquer iniciativa psicológica implica, juntamente com uma escolha, uma afirmação e um compromisso; dum passado pessoal e é por isso que não se pode compreender uma situação psicológica independente da história do sujeito; dum futuro pessoal e é por isso que o presente dum comportamento, grávido do passado que o prepara, não adquire sentido em última instância senão pelo futuro que a si mesmo se dá, isto é, pelos valores que aceita”.¹¹⁷

3- A comunicação

3.1- A pessoa como ser-para-o-outro

A pessoa como ser para o outro é concebida por Mounier como um acto de comunicação exterior.

Mounier, influenciado pelo catolicismo, concebe a pessoa como ser encarnado à imagem de Cristo, relacional, que comunica com os outros, com o mundo e com Deus.

Na obra *Le personalisme* apresenta a pessoa como um ser que comunica e partilha com os outros como forma de ultrapassar todos os preconceitos, a desconfiança e a indiferença para apurar o espírito de reciprocidade, de solidariedade e de lealdade. Assim, o outro não é visto apenas como um ser biológico ou como uma representação dos meus sentidos, mas como um ser presente, relacional e dotado de consciência. Porém, dizer que o homem não deve ser compreendido a partir das suas características biológicas não significa que as condições físicas e sociais não interferiram no seu desenvolvimento e destruição.

Mounier concebe o homem como um ser bio-psíquico e social, no qual interferem três elementos essenciais: o indivíduo, os outros e a natureza. É um ser que está inserido na natureza e desenvolve-se como pessoa ao criar, reproduzir e relacionar-se com o outro. Portanto, a pessoa surge no mundo como dada e não como realizada. Por

¹¹⁶ TC, p.51.

¹¹⁷ TC, p. 51.

sermos seres sociais a nossa maneira de ser e estar é inspirada nas normas pré-estabelecidas ou exteriores. Assim sendo, a nossa acção não é estritamente individual mas determinada em parte pelos outros. Mas Mounier ressalva que isso não significa que devamos submeter-nos ou aceitar passivamente a servidão, mas sim lutar contra ela porque a pessoa é autora dos seus actos e a sua vida é um projectar-se para si e para os outros como ser pessoal e colectivo. É na relação com o outro que transparece a eticidade, a responsabilidade e o compromisso. Pois devo tratar o outro como se de mim se tratasse.

Como tinha afirmado, o homem é um ser que não se enclausura, é aberto ao outro, é relação. O homem comunica com o outro como com um tu, tenta vencer o individualismo egocêntrico, amar e cooperar com o outro, pôr-se no lugar do outro, ser fiel e partilhar. A pessoa é por natureza um ser comunicável e comunicativo, mas necessita do outro para auto-afirmar-se. Só através do outro a pessoa se reconhece. Um eu solitário é um eu fechado sobre si mesmo, só dá conta de si mesmo, da sua existência através do outro. Pois “a solidão não é inata, é adquirida”.¹¹⁸

Mounier exalta a comunicação como uma das experiências fundamentais da pessoa, que lhe permite libertar-se da solidão e viver em comunhão. Ora, a pessoa conhece-se a si própria a partir do momento que se relaciona com o outro. Existe na medida em que existe para o outro. A experiência profunda não é experimentada no eu mas no outro. Pois “sem este eu, o outro já não seria próximo presente, mas dispersar-se-ia em peças separadas do mecanismo social”.¹¹⁹ O individualismo, que considera a pessoa como isolada, é posto em questão, e a pessoa torna-se um ser aberto aos outros. É na reciprocidade que a pessoa se descobre e se conhece. Essa reciprocidade não deve ser de domínio mas sim de autonomia e liberdade.

A comunicação em Mounier é um “facto primitivo”¹²⁰; ninguém tem o direito de arrancá-la de mim porque faz parte de mim como fruto da reciprocidade. Se a comunicação é um “facto primitivo” é porque começa na família, a partir de “um homem e uma mulher envolvidos numa quente disposição afectiva e de confiança”.¹²¹ A criança

¹¹⁸ Aurora Domingues, *Emmanuel Mounier. O personalismo comunitário*, p. 175.

¹¹⁹ *TC*, p. 470.

¹²⁰ *LP*, p. 453.

¹²¹ *LP*, p. 468.

começa a auto-afirmar-se na família e em relação com os outros. “Ela identifica o nariz, ou a orelha na sua mãe ou nos seus bonecos antes de se identificar com o seu próprio corpo”.¹²² Os pais ou a família não têm apenas função biológica, como Mounier indica na obra *Le Personalisme*, mas de socialização, e de orientação. Uma família onde predomina o autoritarismo e o conformismo é privada e fechada, nela não há diálogo mas isolamento. A harmonia é a pedra basilar para a formação de uma família feliz. Uma família feliz em que todos têm a oportunidade de opinar, de criticar e de apresentar sugestões. A família deve preparar pessoas capazes de fazer face a todas as situações e não pessoas conformistas.

Mounier fala da comunicação como de um acto de amor ao próximo. Assim, “eu existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase - limite: **existo para amar**”.¹²³ O amor impele-nos ou inclina-nos para os outros, para dedicar a vida aos outros. É entrega total, calorosa e recíproca. Ao contrário do egoísmo, o amor alegra-se com a felicidade do outro e faz com que o outro seja feliz. O amor opõe-se ao individualismo. No individualismo o que existe é o indivíduo, ser presente e ausente. Presente como existente, ausente ou surdo para os problemas dos outros. O indivíduo apenas pensa em si considerando o outro como mero objecto à sua disposição precisamente porque no individualismo há uma entrega parcial e não total da pessoa. Assim, numa relação senhor escravo substituímos a submissão e o conformismo pelo respeito, transparência e disponibilidade, em suma pelo amor ao próximo. Se toda a pessoa amar o próximo cria à sua volta pessoas que se amam mutuamente e, portanto, uma sociedade de pessoas e não de indivíduos incomunicáveis.

Pois o amor é a essência de uma relação sadia quando é humano. Ele extravasa toda a sensibilidade, atinge o em si da pessoa. Uma relação sadia é aquela entre iguais em que as partes têm os mesmos direitos e obrigações. Nestas relações cada pessoa respeita a outra e espera o seu melhor. O diálogo é o motor necessário para o funcionamento de uma relação. Esta funciona de forma saudável quando as partes não escondem nada uma à outra e vivem em mútua confiança. Numa relação sadia não existe coerção ou violência mas sim paz e harmonia.

¹²² LP, p. 469.

¹²³ LP, p. 453.

Mounier na obra *Le personalisme* apresenta cinco actos originais que tornam a comunicação expressiva e transparente:

1- Sair fora de si mesmo e ir ao encontro do outro, isto é, lutar contra o “amor-próprio” que nós designamos como egocentrismo, individualismo, narcisismo;

2- Compreender: situar-se no ponto de vista do outro, acolhê-lo na sua diferença, não marginalizá-lo mas sim acolhê-lo;

3- Tomar sobre si mesmo, assumir, não só compadecer-se mas sofrer a dor, o destino, a pena e a alegria do outro;

4 - Dar, sem reivindicar como faz o individualismo pequeno burguês. Pois uma sociedade personalista baseia-se no desinteresse;

5 - Ser fiel, considerando a vida como uma aventura criadora que exige a fidelidade à própria pessoa.¹²⁴

O que não falta nesses actos é a dedicação ao outro como pessoa de valor e digna de respeito. Aliás, Mounier foi um exemplo concreto da dedicação ao amor e ao compromisso. A sua dedicação transparece nas correspondências que manteve com a mulher, a família, os amigos, na angústia sentiu com a morte da filha Françoise e na greve de fome que fez a favor dos seus colegas prisioneiros.¹²⁵

Mounier descreve no *Traité du Caractère* o obstáculo à comunicação como uma recusa do outro. A recusa da aceitação do outro deve-se à desconfiança, ao pudor, ao segredo ou à insociabilidade.

Mounier recusa igualmente qualquer utilização do outro quer seja como objecto quer seja como instrumento de “divertimento e álibi.”¹²⁶

A introversão e a extroversão de que Mounier fala no *Traité du Caractère* são factores que também dificultam a comunicação. O extrovertido é o “narrador de uma sinceridade espantosa, das dificuldades que o afligem... na esperança de libertar junto do outro o seu fardo estritamente pessoal”.¹²⁷ Pois ele não tem reservas nas palavras e nas emoções provocando muitas vezes dissabores e inimizades. Mas, dado o seu carácter prático, é dialogante e adapta-se rapidamente. Enquanto que o introvertido é reservado

¹²⁴ LP, p. 454.

¹²⁵ Para uma leitura mais aprofundada sobre a vida de Mounier e sua correspondência ler o volume IV das obras completas e a obra de J. Bernard da Costa.

¹²⁶ TC, p. 473/494.

¹²⁷ C. G. Yung, *O homem à descoberta da alma*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1962, p. 194.

nas palavras e nas acções, medita antes de agir. A reserva leva-o a uma crise emocional constante¹²⁸ e “afasta-se do círculo dos amigos, refugia-se no mais profundo de si próprio, aluga uma casa isolada, e evita encontrar-se com os outros”.¹²⁹ Assim sendo, tanto a introversão como a extroversão devem ser mediadas de modo a tornar a comunicação sadia.

Mounier enquadra os obstáculos à comunicação no contexto de uma época em que o mundo estava dividido pela guerra, cada um defendia o seu interesse esquecendo-se da pessoa. Tentava-se defender a massa através da imposição de ideias e da luta de classes e não defender a pessoa em si como ser de direito e de dignidade. A pessoa é singular, por isso não se deve defender a multidão pensando que se está a defender a pessoa.

A comunicação em Mounier afirma-se contra a sociedade de anónimos, a sociedades vitais dos moralistas liberais e a “sociedade racional fundada no acordo dos espíritos num pensamento impessoal e no acordo de condutas numa ordem jurídica formal”...¹³⁰ provocando assim a violência, o conformismo, a falta de amor, o interesse próprio. O diálogo é a melhor forma de eliminar o mundo de homens máquinas onde as pessoas não têm voz nem vez. Assim, “o primeiro acto de uma vida pessoal é a tomada de consciência dessa vida anónima”¹³¹, tomada de consciência que a pessoa não é massa ou máquina, e a revolta contra os sistemas que a consideram como tal. Cada pessoa deve ter um espírito comunitário gerando assim à sua volta comunidade de pessoas. Para isso é necessário fazer a mediação entre a ciência, a razão e o direito. Tanto a insuficiência como a sobrevalorização da ciência, da razão ou do direito podem levar à instabilidade social.

Uma comunidade desorganizada pode gerar um ideal de vida colectiva essencialmente incapaz de amar porque é difícil dedicarmo-nos ao número anónimo pondo em risco a liberdade das pessoas. Para combater isso é necessária a “unidade das pessoas, essa unidade não pode ser unidade de identidade; por definição, a pessoa é

¹²⁸ TC, p. 330/31.

¹²⁹ C.G. Yung, *O homem à descoberta da alma*, p. 195.

¹³⁰ LP, p. 458.

¹³¹ LP, p. 458.

aquela que não pode ser repetida duas vezes”.¹³² Portanto, no universo das pessoas a pessoa aparece como ser irreduzível, absoluto e chamado a uma unidade universal e a um amor universal (não se pode confundir com a unidade de identidade). A unidade aqui é vista como diversidade na unidade, ou seja, como a complementaridade das pessoas que visam um fim comum que é a luta pela igualdade, justiça e liberdade. As partes individualmente trabalham para o bem comum. “Ora, uma verdadeira comunidade funda-se sobre um dom recíproco dos membros e não sobre uma coligação de interesses.”¹³³

3.2- A pessoa como um ser-para-si

Depois de falar do ser para o outro como marca indelével da pessoa, Mounier fala da vida interior, da subjectividade, da intimidade pessoal como pulsão complementar à realidade exterior – da pessoa como ser-para-si.

A pessoa como um ser para si é concebida por Mounier por meio de um acto de meditação sobre si mesma.

O homem é um ser dinâmico, activo, mas antes e depois de praticar uma determinada acção, tem a capacidade de se recolher em si próprio para fazer auto-análise, para reflectir. O recolhimento é a auto-avaliação de si com vista a tornar as acções mais próprias. A auto-avaliação ajuda a pessoa a ponderar as suas acções direccionando-a para a fidelidade, o amor e a lucidez. A pessoa não se esgota, é um ser inacabado, tem sempre algo por desvendar.

Estando a pessoa situada entre a vida interior e a exterior, tanto o excesso de um como de outro levam à sua destruição, à opacidade, à corrupção e ao egoísmo.

Portanto, as pessoas não são completamente viradas para fora, não se lêem como um livro aberto que depressa se esgota, possuem uma intimidade, são seres inesgotáveis.¹³⁴ É ali que a pessoa entende que é um ser de mistério, um ser que se abre para o outro mas que ao mesmo tempo a sua presença não pode ser inventada, por ser original. O mistério é um problema existencial em que a pessoa se encontra embaraçada e em questão. Dizer que a pessoa se constitui como um ser de mistério é dizer que é

¹³² LP, p. 459.

¹³³ E. Mounier, « Le Chevalier de Graal ou l'intelligence engagée-degagée », *Esprit*, Août, 1941, p. 710.

¹³⁴ LP, p. 463.

impossível penetrá-la tanto à vista armada como à vista desarmada. Podemos estudá-lo de fora como um objecto mas a sua interioridade não é inventariável. Nisto radica a angústia do homem. Ele é um ser inabarcável, a ânsia de querer abarcar tudo leva-o à angústia, ao nada. A angústia em Mounier encontra-se na liberdade de escolha, de adesão e nas respectivas consequências.

Uma pessoa demasiadamente exposta perde-se na exibição doentia e numa exterioridade e superficialidade que não lhe permite experimentar esse original distanciamento e profundidade.

A pessoa é um ser comunicativo mas não é totalmente virado para o outro por ser misterioso, por possuir uma vida íntima. Essa dimensão do universo pessoal não a desliga do mundo. “... Toda a pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo das pessoas não pode ser preenchido por outra qualquer”.¹³⁵ O seu lugar não pode ser preenchido por mais ninguém. Neste aspecto Mounier é anti-igualitário e aristocrático. Nenhuma pessoa ocupa o lugar de outra no universo, cada pessoa é singular e idêntica a si, insubstituível pela sua qualidade interior. Exteriormente, em relação com o outro, a pessoa deve ser considerada como igual, como dotada de dignidade e de respeito.

Portanto, a pessoa é concebida como um movimento para o outro e opõe-se às coisas. Possui um segredo íntimo, uma subjectividade inacreditável. A pessoa ao mesmo tempo que se expõe para os outros, fecha-se sobre si própria. Expõe-se, mas tem a sua vida íntima lá no fundo do seu ser. Sendo a pessoa um ser por natureza comunicável, ela não pode estar voltada para si. Não obstante, compreende-se que a vida pessoal esteja ligada a um certo segredo. A pessoa é um recolhimento para si própria. Não se pode mergulhar e ficar, é necessário evitar o individualismo, o egocentrismo. “A pessoa recua para saltar melhor”¹³⁶, mas trata-se de um recuo benéfico que permite um conhecimento e uma recuperação de novas forças. A pessoa é essa dinâmica interioridade/objectividade. É apanhada nessa dialéctica entre a vida privada e a pública.

¹³⁵ *LP*, p. 468.

¹³⁶ *LP*, p. 463.

4 - O compromisso e a acção da pessoa

Nas obras *Le personalisme* e *Manifeste au service du personalisme* Mounier fala do compromisso como pedra basilar da integridade da pessoa, como o que direcciona a pessoa para a verdade. Esta última, na perspectiva de Mounier, não é oferecida no sentido que não é objectiva, mas procurada através de uma luta constante e da conversão (transformação ou mudança de vida).

A pessoa aparece como um ser comprometido com o mundo e consigo mesma porque é um ser existente no mundo, encarnado e é ela que dá significado ao mundo e que cria o seu próprio mundo, na medida em que é ela que dá sentido e rumo à sua vida. Esse rumo deve ter um carácter universal ou comunitário.

Mounier vê o compromisso como algo que contribui para o equilíbrio do homem na medida em que o liberta do materialismo e do individualismo. Coloca o homem na posição de formar uma comunidade de destinos, um universo de pessoas.

As pessoas de forma geral precisam comprometer-se com princípios e valores que estejam acima das pequenas preocupações quotidianas.

Mounier insiste em que há compromisso quando há liberdade para a pessoa agir. E agir é “... escolher, por conseguinte cortar, saber acabar a tempo, e, ao mesmo tempo adoptar, recusar e repelir”.¹³⁷ Assim, uma acção bem orientada, bem encaminhada, é uma acção responsável, estratégica e exige responsabilidades acrescidas, metodologias elevadas e sacrifício acrescentado. A acção só é boa quando engendra na pessoa a dignidade, a solidariedade e a camaradagem. Enfim, quando contribui para a formação moral e integral da pessoa, para a prática do bem comum ou universal. Uma acção que leva à objectivação da pessoa é utilitária e finalista. Pois “o compromisso é um acto total e livre”.¹³⁸ Ora, é um acto integral da pessoa que consolida tanto a inteligência como a vontade. É um acto livre porque requer a decisão consciente e a responsabilidade da pessoa. “Ser livre é poder viver na direcção da formação própria; é lutar sem cessar contra todas as resistências que se opõem à vida propriamente pessoal”.¹³⁹

Na obra *Le personalisme* Mounier apresenta quatro dimensões da acção que

¹³⁷ LP, p. 474.

¹³⁸ M. Alves da Silva, *A pessoa humana e a moral*, Lisboa, União Gráfica, 1957, p. 31.

¹³⁹ Idem, p. 33.

merecem ser ressaltadas:

1- A acção económica, pela qual o homem transforma as coisas. Nesta acção encontramos a aplicação da ciência e da técnica aos assuntos humanos e à indústria e todos os mecanismos que levam à eficácia;

2- A acção moral ou ética de pessoa sobre si mesma e sobre o que é exterior a si, quer seja sobre os outros ou sobre objectos. A finalidade dessa acção é a autenticidade;

3- A acção contemplativa ou reflexiva que explora e enriquece os nossos valores. Esses valores têm como finalidade levar à perfeição e à universalidade da acção;

4- A acção colectiva que leva as pessoas a aproximarem-se umas das outras estabelecendo laços de amizade, afectividade e amor.¹⁴⁰

A acção de que fala Mounier exige a cooperação, uma pessoa isolada não muda nada. Também ela exige a presença da pessoa, a intencionalidade, a explicação, a premeditação (planificação prévia), e o raciocínio prático (sobre a melhor maneira de fazer ou de decidir). Por isso, a acção está estreitamente associada à pessoa porque qualquer acção está ligada ao actor (pessoa), ao fazer e ao agir. A identidade e a singularidade do ser humano aparecem através da acção. Uma acção em sentido personalista tem a característica de ser actualizada permanentemente, é o horizonte em que o homem transcende a sua condição de simples ser humano para se impor como pessoa.

É enquanto actor, ser que age, que a pessoa prova a sua liberdade. Ora, ser livre e agir são o mesmo. Por isso, a acção vale como fim em si mesma e não como meio. “Esta acção constitutiva do ser humano é a acção ética em que o homem é simultaneamente actor e autor; actor porque não só realiza a acção mas também por ela se expressa e se define; autor porque as suas acções pertencem-lhe, em virtude de escolhas realizadas”.¹⁴¹

O homem no seu agir é criador. Na actuação criadora deve presidir o compromisso; o homem deve entregar-se, comprometer-se em cada acção num agir responsável. Pois Mounier considera que a acção liberta o homem, permitindo o seu auto

¹⁴⁰ LP, p. 500.

¹⁴¹ Aurora Domingues, *Emmanuel Mounier: O parsonalismo comunitário*, p. 146.

governo no meio de tantos outros homens, livres das necessidades iminentes dos animais. E por definição “uma acção personalista é aquela que está ao serviço de todas as pessoas. Ela não oculta nenhum interesse parcial, nenhum egoísmo de classe, defende a classe mais necessitada”.¹⁴²

A acção em Mounier constitui um modo do exercício que actualiza a liberdade humana nas condições da igualdade e da dignidade. Ele afirma em todas as suas obras que uma acção individual ou imposta não é livre. Pois a pureza da acção transparece na pureza espiritual, material e de meios. Portanto, uma acção razoável não é deduzida a partir dos princípios preestabelecidos mas é criada pela pessoa de acordo com os momentos históricos. Ora, “o carácter histórico da nossa vida exige o compromisso como condição da humanização”.¹⁴³

O personalismo em Mounier é uma filosofia de acção na medida em que, “não traz soluções”¹⁴⁴ e resultados, mas oferece metodologias que podem conduzir o espírito a chegar a resultados felizes e verdadeiros. Para isso, é necessário a conversão e o compromisso total da pessoa (material e espiritual), é preciso lutar contra a confusão social, a violência política e o conformismo, fazer a “reconstrução total” começando pelas simples acções da vida quotidiana para chegar à comunitária.

Mounier chama revolucionária à acção que leva à conversão total do homem e à reconstrução total da civilização.¹⁴⁵ Reconhece que “fazer não é agitar. É ao mesmo tempo fazer-me através dos meus actos e moldar a realidade da história. É sempre no duplo sentido da expressão “fazer o difícil”¹⁴⁶ Ora, fazer não é gerar conflitos ou violência mas é saber geri-los de forma suave e serena começando pelo mais simples até ao mais complicado, os que afligem a humanidade inteira, que engloba todos os homens. Fazer também não é apenas aceitar o conforto material ou espiritual mas sim saber conciliá-los, visto que a pessoa é um todo e não uma parte do todo.

“O primeiro acto de uma acção personalista, ... é a tomada de consciência das minhas adesões e das minhas repugnâncias”.¹⁴⁷ Uma acção personalista é aquela em que

¹⁴² MSP p. 647.

¹⁴³ Aurora Domingues, *Emmanuel Mounier. O personalismo comunitário*, p. 28.

¹⁴⁴ MSP, p. 639.

¹⁴⁵ MSP, p. 643.

¹⁴⁶ MSP, p. 637.

¹⁴⁷ MSP, p. 638.

a pessoa adere ou toma decisões de forma consciente sem se deixar levar por instintos, entusiasmos ou reflexos exteriores. Não deve ser oferecidas soluções pré-determinadas às quais a pessoa tenha que aderir. A adesão tem que ser autónoma, consciente e livre, de acordo com as características da pessoa.

O principal objectivo de Mounier é criar uma nova sociedade. Uma comunidade de pessoas onde reina o compromisso, a ordem social e as técnicas purificadas através de uma acção de sensibilização rigorosa e sistemática. Um mundo de pessoas é um mundo sem violência onde se seleccionam meios eficazes para a resolução dos problemas sem violência.

Uma acção personalista é aquela que está ao serviço de todas as pessoas, por isso é imparcial, não egoísta, inspirada na universalidade dos interesses colectivos. Estes requerem a reforma social, o sacrifício no acto da escolha do valor a realizar, a adesão total, o risco e o espírito heróico.

A acção em Mounier pressupõe a coragem, coragem esta marcada pela força vital que habita em cada pessoa. A acção individual ou imposta não é livre, a acção preexistente ou dada não é pura.

Conclusão

A pessoa humana de que fala Mounier nas obras *Le personalisme*, *Traité du caractère*, *Revolution personaliste et communautaire*, *Manifeste au service du personalisme* e em todas as suas obras, é um ser dotado de características e dimensões próprias que a tornam merecedora de respeito e de dignidade. Ela é um ser cuja existência é real, incorporado, transcendente e comunicativo. Essas características fazem com que o personalismo de Mounier seja uma filosofia existencial, assistemática e prática.

A transcendência é uma das características que a separa dos objectos e a faz ser um ser idêntico a si próprio. A transcendência em Mounier deve ser vivida em comunhão com os outros. Pois a pessoa deve aceitar o outro e contribuir para a construção de um nós. Só assim a pessoa toma consciência da sua singularidade e participa na construção de um mundo sem violência onde todos intervêm de forma livre e responsável. O egocentrismo deve ceder lugar a uma relação sadia em que o amor, a generosidade, a fidelidade prevalecem sobre qualquer outro valor.

Mounier vê a pessoa como mais do que um indivíduo, uma personalidade, uma personagem ou, pior ainda, um objecto. A pessoa possui uma grandeza incomparável. Ela é um mistério, um enigma, uma realidade singular. Daí a sua preocupação em separá-la daqueles e colocá-la numa posição peculiar.

Considerou que em face da situação política, económica, social e moral, em que a Europa se encontrava era urgente uma mudança de atitude em relação à pessoa e que o seu conceito se encontrava totalmente destorcido.

A comunicação é um dos temas de grande relevância para Mounier visto que ele considera que a pessoa não é um ser isolado mas sim um ser relacional.

A comunicação deve ser sempre acompanhada da conversão, renovação constante da interioridade para revitalizar a exterioridade. Pois a pessoa humana é um ser que é tanto interioridade, ser-para-si como exterioridade, ser-para-o-outro. Daí a necessidade constante da voltar a si como uma forma de meditação ou recolhimento para acolher o outro com amor e como ser de exterioridade.

Mounier insiste que a pessoa é a fusão corpo/espírito, uma existência

incorporada. Estes constituem como uma unidade estrutural, dois pólos indissociáveis. O corpo diz respeito à exterioridade, a sensibilidade e o espírito à consciência.

A pessoa como um ser dotado de consciência deve ter consciência de si, dos outros e da natureza, assumi-los de forma humana e digna. O dever da pessoa é ser de personalização tanto de si como dos outros e do mundo. Pois ela não é natureza porque tem a capacidade de a transcender e de a “dominar” por seu um ser dinâmico. Mounier sem ser um filósofo ecologista, considera que esse domínio da natureza deve ter um carácter responsável e racional.

O compromisso e a acção da pessoa constituem também temas de grande relevância para Mounier. Ora, uma pessoa compromete-se consigo mesma e com os outros quando é livre para agir, escolher e aderir. Aquele que se compromete é fiel, generoso e acolhedor, sabe o que quer e o que faz.

Para além do dever a pessoa é possuidora de direitos e esses devem ser respeitados por todos. Ela não deve ser tratada como objecto de manipulação mas sim com justiça. Por isso Mounier chamou a atenção para uma revisão da declaração dos direitos humanos, principalmente no que diz respeito à liberdade, à tolerância, ao respeito etc.

Concluimos que por muito que se fale sobre a pessoa humana ela permanece em termos do conhecimento objectivo sempre como um ser de mistérios, uma realidade surpreendente. Por isso a sua conceptualização permanece sempre em aberto e limitamo-nos a descrevê-la.

Bibliografia

1 - Obras de Mounier

MOUNIER, Emmanuel, *Œuvres*, I-IV, Paris, Éditions du Seuil, 1961-1963.

- « Documentaire Atomique », *Esprit*, Janvier, 1947, pp. 22-24.
- « Faut-il refaire la Déclaration des Droits ? », *Esprit*, Décembre, 1944, pp. 118-120.
- « Fin de l'homme bourgeois », *Esprit*, Juillet, 1941, pp. 609-617.
- « La France entre la fidélité et l'imagination », *Esprit*, Mai, 1941, pp. 440-446.
- « Le chevalier du graal ou l'intelligence engagée-degagée », *Esprit*, Décembre, 1945, pp. 859-874.
- « Les événements et les hommes », *Esprit*, Janvier, 1947, pp.175-178.
- « Les équivoques du personnalisme », Janvier, 1947, *Esprit*, pp.265-282.
- « L'Événement et nous », *Esprit*, Avril, 1953, pp. 7-12.
- « Le real n'est à personne », *Esprit*, Février, 1947, pp. 206-215.
- « Par tous les temps », *Esprit*, Février, 1939, pp.4-9.
- « Personnalisme Catholique I », *Esprit*, Février, 1940, pp. 221-246.
- « Péguy prophète du temporel », *Esprit*, Février, 1939, pp. 627-631.
- « Personnalisme Catholique II », *Esprit*, Mars, 1940, pp. 395-409.
- « Personnalisme Catholique III », *Esprit*, Avril, 1940, pp. 54-72.
- « Pour une charte de l'unité française », *Esprit*, Août, 1941, pp. 689-711.
- « Project d'une déclaration des droit des personnes et des collectivités », *Esprit*, Décembre, 1944, pp.121- 127.
- « Réflexion sur l'action et l'amour », *Esprit*, Janvier, 1953, pp. 1-6.
- « Réformisme ou réforme de structure ? », *Esprit*, Juillet, 1937,

pp. 518-520.

- « Situation du personalisme », *Esprit*, Mars, 1946, pp. 432-457.

2 - Outras referências

ALVES, Aníbal, “A pessoa e o outro”, *Revista Portuguesa de Filosofia*, tomo, XXII, 1966, pp. 49-77.

BARTHÉLEME - MADAULE, M, *La personne et le drame humain chez T. Chardin*. Édition du Seuil, Paris, 1967, p. 302- 325.

BERDIAEFF, N., *De L’esclavage et de la liberté de l’homme*, Aubier Édition Montaigne, Paris, 1963.

- *Destin de l’homme dans le monde actuel*, Librairie Stock, Paris, 1936.

BOUDWIN, CH., *Découverte de la personne. Esquisse d’un personalisme analytique*, Presses Universitaires de France, Paris 1940.

CAUSSAT, P., « Redéfinir la personne », *Esprit*, Juillet, 1973, pp. 1251-1262.

- « La personne improbable », *Esprit*, Septembre, 1973, pp.195-208.

C. G. YOUNG, *O homem. A descoberta da alma*. Traduzido por Camilo Alves Pais, Livraria Tavares Martins, Porto, 1962.

CAMPANINI, Giorgio, *Personalismo e democrazia*. Edizioni Drhoniane, Bologna, 1987.

CARQUEJA D’ASSUNÇÃO R, M., *Personalismo, liberdade e compromisso*, Textos de apoio, Departamento Editorial e de Documentação, I. D. L. Instituto Amaro da Costa, Lisboa, s/data.

COSTA, J. B, *Emmanuel Mounier*, Círculo do Humanismo Cristão, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1960.

DIAZ, Carlos, « Bases para unos fundamentos metafísicos del personalismo de Mounier », *Estudios Filosóficos*, 1969, pp.511-526.

DOMINGUES, Bernardo, “Luta pelo advento da pessoa”, *Humanística e Teológica*, 1980, pp. 193-214.

DOMINACH, J.M., - « Mounier et Teilhard de Chardin », *Esprit*, Mars, 1963, pp. 337-365.

- Emmanuel Mounier, Paris, Seuil, 1972.

DUPUY, H., « La Revolution selon Emmanuel Mounier », *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960, pp.3-42.

DANESE, A., *La questione personalista*, Citta Nuova editrice – Ricerche/21, Roma, 1986.

DOMINGUES, Aurora, *Emmanuel Mounier, O personalismo comunitário*, Universidade do Minho, Braga, 1995.

- *A pessoa entre o mundo e Deus*, Porto, Dalivros, 1988.

- *Modos de Intervenção*, Porto, Livraria Franciscana, 1991.

- *Personalismo Perspectivas*, Porto, Metanoia, 2000.

GARCIA Madrid. A., *Intention Educativa y Educação Política del pensamiento de Emmanuel Mounier – una aproximación al pensamiento mouneriano*, (extracto da tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofía e Ciencias de la Educación) Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 1983.

GARAUDY, R., *Perspectives de l'homme. Existentialisme, pensée catholique et marxisme*, Presses Universitaires de France, Paris, 1959, p. 154- 170.

GERARD, L., « Mounier et Maritain », *Esprit*, Décembre, 1973, pp. 771-782.

GUISSARD, L., *E. Mounier*, Éditions Universitaires, Paris, 1962.

GOBRE, I., *La personne*, Presses Universitaire de France, Paris, 1961.

ID, « La mística personalista de Mounier », *Cuadernos Salamanticiensis de Filosofia*, 1975, pp. 341-349.

JEANSON, F., « Une pensée combattante », *Esprit*, Décembre, 1950, pp. 852-859.

KEMP, P., *Théorie de l'engagement*, Paris, Seuil, 1973, p. 26-28, e p. 33-36.

LACROIX, J., *Le sens du dialogue, Être et penser*, Edition de la Baconnière, Neuchatel, 1944.

- *Le personnalisme comme anti-ideologie*, Paris, Presses Universitaire de France, 1972.

- *Marxismo, existencialismo, personalismo, presença da eternidade no tempo*, Liv. Apostolado da Imprensa, Porto, 1964.

- *Personne et amour*, Paris, Seuil, 1955.

- *Panorama de la philosophie française contemporaine*, Paris, Puf, 1962.

LANDSBERG, P. L., *Problème du personalisme*, Seuil, Paris, 1952.

- « Réflexions sur l'engagement personnel », *Esprit*, Octobre, 1937, pp. 179-197.
- « Les sens de notre action », *Esprit*, Octobre, 1938, pp. 81-103.
- « Le personalisme d'Emmanuel Mounier hier et demain ». Pour un cinquantenaire. (Colloque organisé par l'Association des Amis d'Emmanuel Mounier), Paris, Seuil, 1985.

LOPES, Vela Fernando, "E. Mounier, persona y sistemas políticos", *Estudios Filosóficos*, 1982, pp. 215-248.

- *Democracia y Demopedia em E. Mounier*, Salamanca, Universidade Pontificia de Salamanca Facultat de Pedagogia, 1987.

MONTEIRO, A., *Personalismo e marxismo, E. Mounier e K. Marx*, Porto, Ed. do autor, 1976.

NÉDONCELLE, M., *Vers une philosophie de l'Amour et de la personne*, Aubier edition Montaigne, Paris, 1946.

- *Para uma filosofia do amor e da pessoa*, Circulo do Humanismo Cristão, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1961, p. 201- 217.

- *Intersubjectivité et ontologie, le défi personnaliste*, Louvain, Nauwelaerts, Paris, Beatrice- Nauwelaerts, 1974.

NUTTIN, J., *A estrutura da personalidade*, Livraria S. Paulo, S. Paulo, 1969.

RICOEUR, P., *Histoire et Verité* - Troisième édition augmentée de quelques textes, Edition du Seuil, Paris, 1955.

- « Une philosophie personnaliste », *Esprit*, Décembre, 1950, pp. 860-887.

RIGOBELLO, A., *Il personalismo*, Citta Nuova Editrice, Roma, 1978.

- "Contributo filosofico del personalismo sociale de Emmanuel Mounier", *Humanistas*, 1951, pp. 268-277.

RICOEUR, P. et DOMINACH, J. M., « Masse et personne », *Esprit*, Janvier, 1951, pp. 9-18.

RIVIER, A., « Le group comme centre et base d'action personnaliste », *Esprit*, Février, 1938, pp. 704-712.

SARTRE, J. P., *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica, Editora Vozes, 12ª edição, Petrópolis, 2003.

SILVA, M., *A pessoa humana e a moral*, União Gráfica, Lisboa, 1957.